

Maria Helena Maia, Alexandra Cardoso e Joana Cunha Leal

A ‘ARQUITECTURA POPULAR EM PORTUGAL’. UMA LEITURA CRÍTICA

RELATÓRIO FINAL

1 de Abril de 2010 – 30 de Junho de 2013

Projecto financiado por fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE (FCOMP-01-0124-FEDER-008832) e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/AUR-AQI/099063/2008).

Índice

I. Apresentação	4
 II. Tarefas	
Tarefa 1: Início da investigação	6
Tarefa 2: Recolha e tratamento de dados	9
Tarefa 3: Viagens de trabalho de campo	12
Tarefa 4: Conclusões provisórias	13
Tarefa 5: Encontro Científico	15
Tarefa 6: Preparação do trabalho de campo	21
Tarefa 7: Trabalho de campo	22
Tarefa 8: Desenvolvimento teórico e mapas	26
Tarefa 9: Relatórios	46
 III. Resultados	
Apresentação	51
Comunicações	52
Publicações	54
Organização de encontros científicos	57
Exposições	57
 IV. Equipa	
Equipa	58
Colaboradores	58
Revisores	58
 V. Agradecimentos	 59

I. APRESENTAÇÃO

O projeto de investigação que nos propusemos desenvolver centra-se no estudo crítico do volume *Arquitetura Popular em Portugal*, publicado em 1961 pelo Sindicato dos Arquitetos.

A escolha desta obra passou não só pelo facto de constituir um marco na história da cultura arquitetónica portuguesa mas também porque consideramos que a sua análise crítica mantém toda a sua oportunidade, agora que o tema dos vernáculos e regionalismos tornou a entrar no âmbito das discussões profissionais.

No entanto, não se tratou de estudar a obra de maneira isolada, em si mesma e por si mesmo, uma vez que defendemos o seu estudo num quadro ponderado e em constante diálogo com elementos teóricos subjacentes à expressividade própria de algumas das linguagens eruditas modernas.

Efetivamente, as hipóteses de estudo em que este projeto apostou e que Pedro Vieira de Almeida caracterizou como *parâmetros em surdina*, são apenas duas que acabam por se revelar complementares, e acreditamos que muito determinantes.

Em primeiro lugar a noção da importância genérica da maior ou menor *espessura* das paredes que delimitam a arquitetura, conformando aquilo que podemos chamar por um lado uma *poética de paredes delgadas* e por outro uma *poética de paredes espessas*.

Em segundo lugar a noção da importância do *espaço-transição* na geral economia da expressão arquitetónica.

Neste trabalho servimo-nos portanto de duas varáveis analíticas como instrumentos fiáveis de análise, em que essa fiabilidade também é ela própria posta à prova e para isso como material base de estudo servimo-nos de exemplos da chamada arquitetura “vernácula” em Portugal.

Paralelamente, importou compreender o papel do Inquérito à Arquitetura Regional no contexto da cultura arquitetónica portuguesa e internacional e contribuir para a construção do conhecimento das problemáticas historiográficas e críticas em que o mesmo se encontra implicado.

Uma explicação mais detalhada do ponto de partida deste projeto foi publicada no que chamamos o Documento Zero (Pedro Vieira de Almeida, 2010)

De registar ainda que, em Setembro de 2011 a equipa e o projeto foram seriamente abalados com a morte do seu investigador responsável.

Para além do abalo que provocou do ponto de vista afetivo, o desaparecimento de Pedro Vieira de Almeida veio empobrecer o desenvolvimento do trabalho, uma vez que este se apoiava na produção teórica que tinha vindo a desenvolver desde os anos 60, sendo indiscutivelmente o ideólogo deste projeto.

A decisão de continuar o trabalho, tomada coletivamente pela equipa, constituiu o nosso modo de o recordar e respeitar a importância da sua obra.

Obviamente, isto obrigou a uma reorganização profunda do trabalho, com vista à sua concretização com menos um elemento e de modo a recuperar os meses entretanto perdidos.

Isto levou à sobreposição de tarefas, inicialmente pensadas como sequenciais e que acabaram por ser executadas em simultâneo.

Esta situação acabou por verificar-se positiva, até porque, do ponto de vista metodológico, já tinha sido detetada a necessidade de articular diretamente o trabalho desenvolvido no terreno com a elaboração das cartas e mapas e com o desenvolvimento teórico do projeto, como se explicará quando da apresentação das tarefas correspondentes.

Por outro lado, desta necessidade resultou que a redação da fundamentação teórica foi antecipada, o que permitiu que o trabalho fosse desenvolvido em estreita relação com a reflexão teórica e crítica entretanto produzida por Vieira de Almeida, que desse modo continuou presente e ativo no âmbito da equipa.

A deslocação do encontro científico internacional, *Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in 20th century architectural culture*, de Setembro de 2011 (data para que estava inicialmente prevista) para Maio de 2012, constituiu o único aspeto menos feliz decorrente da reprogramação do projeto, uma vez que trouxe uma carga suplementar de trabalho a uma agenda já bastante carregada. No entanto, o resultado final deste encontro justificou amplamente a sua realização.

Por último, importa registar que a documentação reunida e produzida neste projeto será depositada no arquivo do CEAA | Centro de Estudos Arnaldo Araújo para consulta dos investigadores que nela estejam interessados, estando previsto o seu tratamento informático para disponibilização *on line* na página do CEAA (www.ceaa.pt), secção "Projetos Financiados", onde se encontra já disponível a informação relativa a este projeto.

II. TAREFAS

Tarefa 1: Início da investigação [Beginning of the investigation]

Esta tarefa subdivide-se em duas partes: uma primeira parte de preparação genérica do trabalho e uma segunda parte de preparação da documentação gráfica publicada na *Arquitetura Popular em Portugal*, dada a necessidade de considerar em simultâneo estes dois aspetos determinantes para o arranque do trabalho.

A existência desta tarefa inicial foi introduzida no projeto por se ter, na altura, considerado que a dependência nesta fase da adesão de entidades exteriores não diretamente controláveis pela equipa, poderia constituir um fator de indeterminação que aconselhava a estabelecer um prazo prévio de preparação genérica do trabalho, já que poderia fazer de alguma maneira infletir a programação, ou mesmo pontualmente obrigar à revisão dos métodos previstos, o que realmente veio a acontecer.

Assim, o primeiro passo foi corrigir o cronograma do projeto com introdução do desfaseamento temporal entre a data prevista para o seu início (01.01.2010) e aquela em que efetivamente começou (01.04.2013).

Registe-se que este simples adiamento no início do projeto veio posteriormente a revelar-se desestruturador da programação de toda a vertente associada ao trabalho de campo, remetendo para meses chuvosos uma atividade prevista para um período climatericamente mais adequado ao trabalho a realizar, como se verá mais à frente.

Simultaneamente, foi estabelecido com todo o pormenor e rigor possíveis, um programa que compatibilizasse a calendarização das tarefas a desenvolver pelos

diferentes elementos da equipa com os naturais compromissos profissionais a que cada um estava ligado.

Por outro lado, na sequência da constatação de que no volume *Arquitetura Popular em Portugal* não se verificava a compatibilização da sinalética empregue zona a zona para cada um dos tipos arquitetónicos referidos, a isto se juntando a existência de zonas “cegas” e outras assimetrias mais ou menos significativas, estava prevista, como já foi referido, uma segunda vertente do trabalho preparatório inicial associada à recolha e primeira reflexão sobre essa documentação.

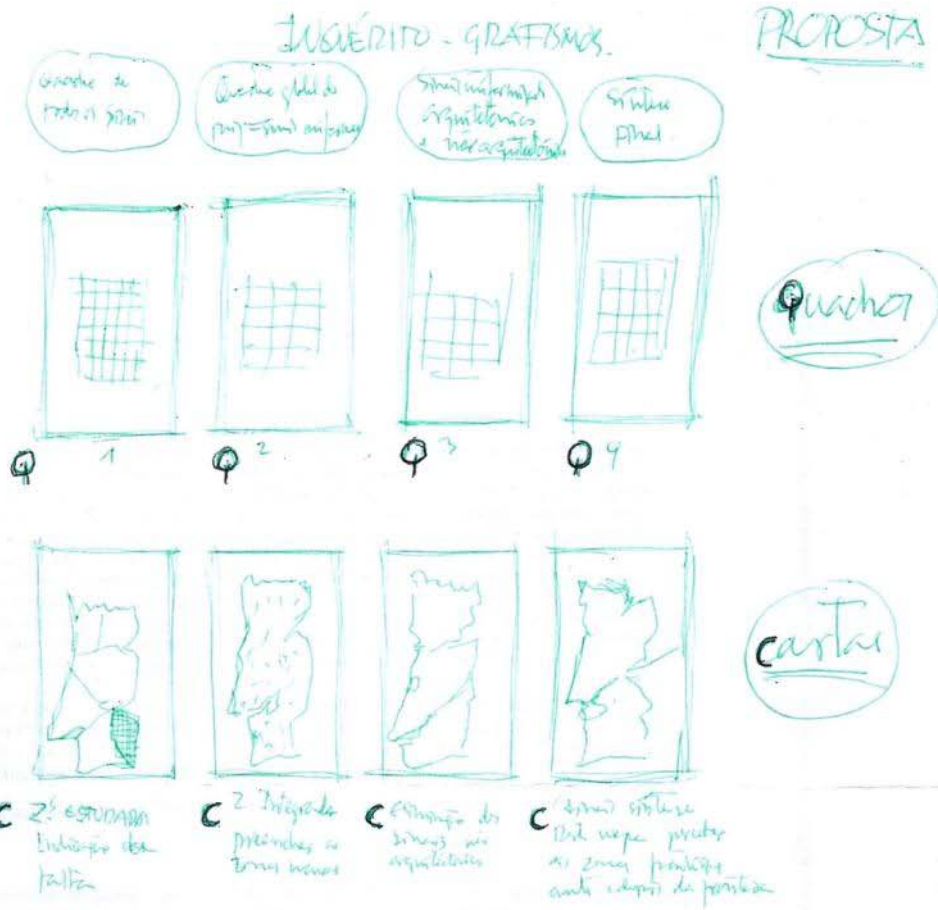
Esta programação estava associada à consciência de que toda essa documentação tinha de ser tratada para ser lida em conjunto, excluindo alguns elementos que não pareciam relevantes para a investigação crítica que pretendíamos e eventualmente agregando casos que no Inquérito são apresentados como distintos e desagregando outros casos que no mesmo Inquérito são considerados dentro da mesma categoria, quando criticamente tudo sugeria que devessem ser considerados em separado.

Nesta primeira fase, isto implicou o levantamento, análise e tratamento rudimentar da documentação gráfica existente com vista a permitir uma leitura de conjunto.

Foi ainda nesta fase que se tomaram as primeiras decisões determinantes para o desenvolvimento futuro da investigação – nomeadamente a circunscrição do trabalho aos exemplos de habitação popular – e se procedeu à primeira análise sistemática da sinalética existente, com vista à respetiva uniformização.

Isto é, procedeu-se a um trabalho de interpretação crítica dos elementos gráficos, começando a configurar a sua justificação caso a caso num quadro teórico, ao mesmo tempo que se realizou uma sua primeira interpretação no plano gráfico.

Esta tarefa foi realizada plenamente, dentro do período e nos termos previstos para o efeito.



MÉTODOS

Q 1 Todos os sinais utilizados a grandeza, Isolados para computadores
armazenados pelos significados. Quanto regista

1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	0

Q 2 Q 1 registado com sinais significativos isolados.

Q 3 Se sinais com valor significativo direto.

Q 4 Carta de pontos com sinais significativos isolados.

Justificação dos tipos

Tarefa 2: Recolha e tratamento de dados [Data collection and treatment]

Nesta tarefa previa a recolha de documentação constante de espólios de alguns arquitetos, ou seja, da documentação associada ao Inquérito remanescente em espólios particulares.

Isto levou à recolha e digitalização de documentação proveniente dos arquivos familiares de alguns dos intervenientes no Inquérito, como é o caso dos arquitectos Octávio Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias, importante para a evolução do trabalho. Independentemente da importância que o acesso a esta documentação teve para a realização deste projecto, encontra-se atualmente em negociação a possibilidade de disponibilizar o acesso à mesma através da criação de uma base de dados *on line*, na página do Centro de Estudos Arnaldo Araújo.

Paralelamente a este esforço mais individualizado, previa-se a realização, junto dos arquivos da Ordem dos Arquitetos, de uma tentativa de aceder ao espólio do Inquérito lá depositado uma vez que sabemos terem sido recolhidos 10.000 documentos, dos quais só foram publicados cerca de 2.000.

Efetivamente, foi identificada na posse da Ordem dos Arquitetos grande parte da documentação produzida durante a realização do Inquérito à Arquitetura Regional, no entanto, apesar dos vários contactos estabelecidos nesse sentido, tanto como equipa de investigação como individualmente, enquanto membros da Ordem, não nos foi dado acesso à documentação.

Tudo quanto conseguimos da Ordem dos Arquitetos foi a possibilidade de consulta, na sala de leitura da respetiva biblioteca, da documentação não publicada que havia sido anteriormente digitalizada e registada num CD Rom, cremos que por Rodrigo Ollero, no âmbito da investigação realizada para o seu doutoramento.

Desta consulta resultou informação importante para a confirmação das hipóteses aventadas, mas o impedimento do acesso ao conjunto da documentação não nos permitiu ter uma visão global em primeira-mão do conjunto da documentação e portanto, impediu-nos de poder desenvolver

algumas hipóteses de leitura que, entretanto, nos surgiram como eventualmente possíveis.

Esta situação poderá eventualmente ser explicada pelo facto de a Ordem dos Arquitectos ter, durante o período em que decorreu o projeto, assinado um acordo com a Fundação Calouste Gulbenkian para digitalização do espólio em causa. Efetivamente, veio depois a disponibilizar *on line* alguma (mas não a totalidade) da documentação fotográfica na plataforma OAPIX /coleção IARP, documentação que acabou por ser por nós utilizada.

Mais recentemente, a Ordem dos Arquitectos disponibilizou o acesso a parte da documentação na sua posse através da exposição de fotografia *Território Comum. Imagens do Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa, 1955-1957* (2013), organizada por Sérgio Mah, sem grande utilidade para o nosso projecto dado ter inaugurado em Abril de 2013, portanto, quando este estava já praticamente concluído.

Assim, centramo-nos no volume *Arquitectura Popular em Portugal* e na documentação recolhida diretamente por nós nas visitas para trabalho de campo.

Paralelamente recolheram-se depoimentos de alguns dos arquitetos que participaram no Inquérito ou que com ele direta ou indiretamente se relacionaram, como é o caso dos arquitetos Carlos Carvalho Dias e António Meneres ou da pintora Helena Cabral.

Foi ainda sistematicamente recolhida e tratada grande parte da informação impressa disponível e realizado um levantamento da historiografia associada ao tema.

Optou-se também por consultar detalhadamente a publicação *Arquitectura Popular em Espanha* e outra documentação do arquiteto Carlos Flores, editada nos inícios dos anos 70, no sentido de cruzar a experiência portuguesa com outra territorialmente próxima, ao nível da abordagem e da metodologia empregue e ao nível dos resultados publicados.

A recolha de dados que se tem vindo a descrever e o respetivo tratamento não só permitiram um conhecimento aprofundado da informação disponível sobre o

Inquérito, tanto a nível da produção teórica como da documentação gráfica e fotográfica, como a identificação dos exemplos mais significativos em relação às duas variáveis expressivas no campo da arquitetura que nos propusemos estudar: a *espessura* das paredes e o *espaço-transição*.

Este último aspeto foi tanto mais importante quanto nesta tarefa, estava incluída uma parte importante da construção dos mapas.

Como ponto de partida, existia a constatação de que para além de um excesso de informação que dificultava uma interpretação estruturada zona a zona, não era apresentado no Inquérito um mapa global que desse a entender uma leitura articulada sobre o território. Por outro lado, uma análise dos diversos elementos considerados significativos no levantamento levado a cabo, dava a perceber uma diversidade de critérios não só entre as 6 zonas, mas dentro de cada zona.

Disto tinha resultado que na publicação *Arquitectura Popular em Portugal* fossem apresentados como equiparáveis diferentes tipos de edifícios de habitação, diferentes tipos de edifício/equipamento de carácter social, e diferentes edifícios de serviços anexos.

Assim, tal como se tinha proposto, partindo dos quadros tipológicos estabelecidos, a equipa procedeu à separação operacional entre o que eram os edifícios de carácter indutor de vida coletiva, e aqueles que apresentam apenas uma utilidade induzida, com anulação dos segundos e reforço do significado dos primeiros.

Paralelamente, tentou-se agrupar numa mesma classificação tipológica os exemplos que no Inquérito são entendidos separadamente sem que disso nos parecesse resultar qualquer vantagem analítica.

Com estas duas operações integradas, puderam ser obtidos mapas limpos de informação excedentária e por isso muito mais legíveis.

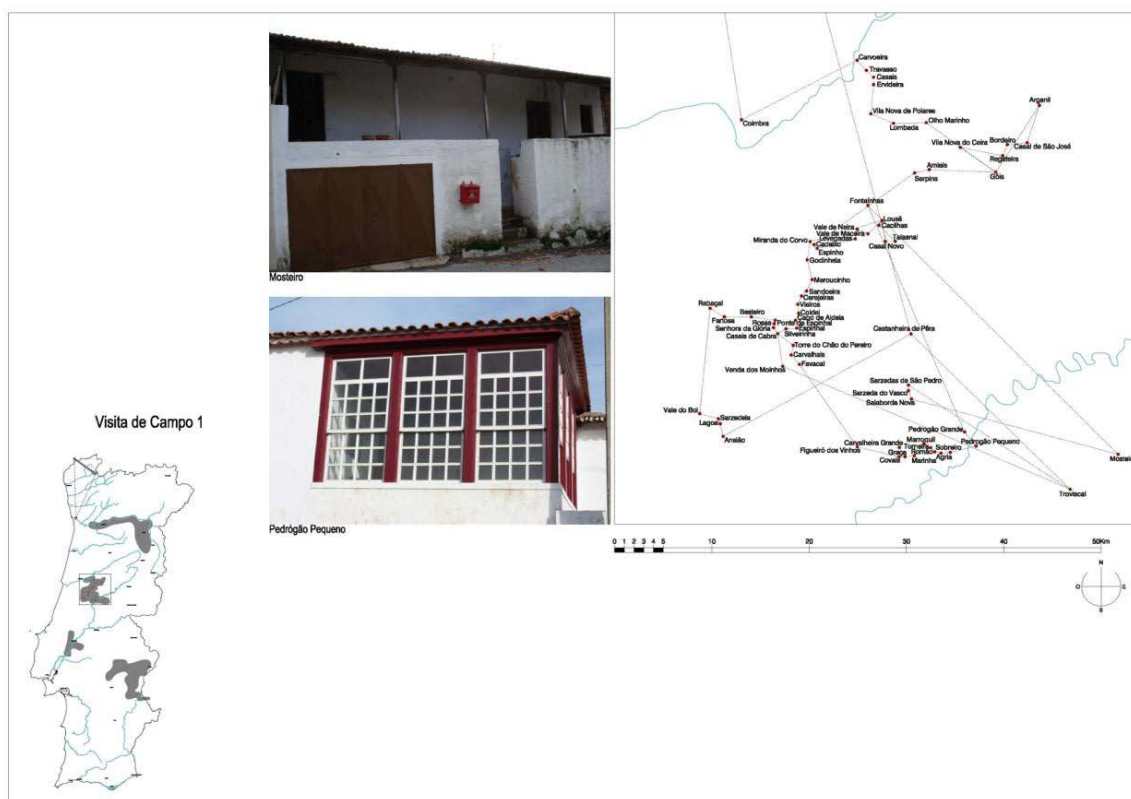
O lançamento dos novos mapas-resumo, de todo o trabalho feito abrangendo todas as 6 zonas do “Inquérito” veio finalmente permitir uma leitura integrada em todo o território nacional.

Uma descrição detalhada de todo o processo, acompanhada da respetiva explicação, foi publicada nos resultados do projeto (v. *Caderno 3*).

Tarefa 3: Visitas de reconhecimento [Research field trips]

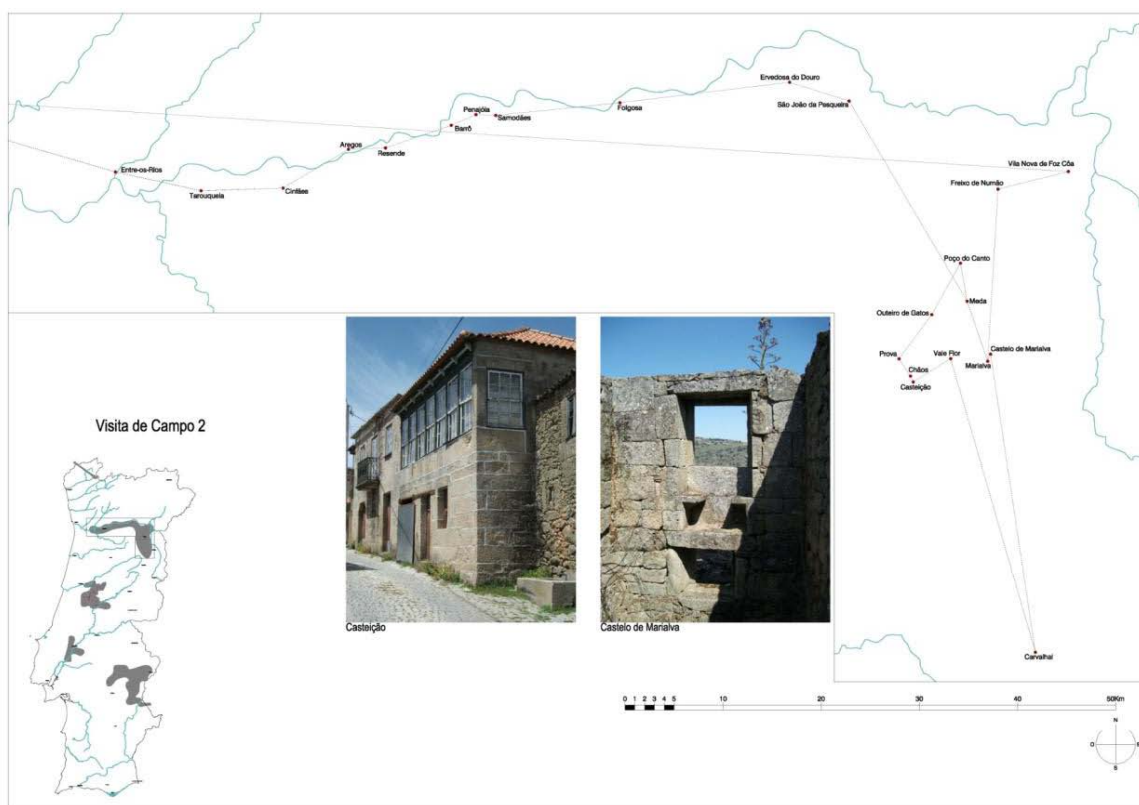
Esta tarefa previa deslocações relâmpago a pontos fulcrais, que sem excessivo detalhe, permitissem no terreno recolher informação que fundamentasse a escolha das zonas mais propícias a um estudo desenvolvido com maior detalhe. Estas visitas poderiam ainda, em alguns caso, envolver a análise dos aspetos mais relevantes da concreta situação raiana, para melhor poder situar as características culturais das respostas encontradas em território nacional.

Foram assim realizadas algumas sondagens, sendo que uma delas realizada na Zona 3, acabou por ser mais longa, devido às dificuldades encontradas no terreno, tendo-se mesmo assim revelado pouco frutífera devido ao nível de destruição detetado no universo arquitetónico que se queria identificar.



Situação atual de exemplo de casa com varanda envidraçada registada pela equipa das Beiras
© 2010

O cruzamento da informação recolhida no âmbito desta tarefa com os dados documentais entretanto obtidos, foi determinante para o desenvolvimento do trabalho, tendo-se porém constatado da necessidade de realizar o trabalho de campo em mais direta correlação com o desenvolvimento teórico do projeto o que acabou por levar a repensar os tempos de execução da tarefa 7 (trabalho de campo).



Exemplo de espaço transição e de parede espessa Beiras ©2011

Tarefa 4: Conclusões provisórias

A programação de um momento para elaboração de *conclusões provisórias* resultou da previsão de que se poderia vir a sentir a necessidade de fixar de uma maneira estruturada e estruturante os resultados que viriam influir operativamente nas escolhas posteriores.

Porém, não se pretendia com isto estabelecer uma espécie de ponto de situação retrospectivo, avaliando a eficácia do cumprimento do trabalho passado e sim efetuar uma reavaliação do projeto com vista ao seu desenvolvimento seguinte.

Assim, a tarefa 4 foi calendarizada para um momento em que a documentação e a informação recolhidas permitissem através de uma análise conjunta estabelecer com um mínimo de coerência a(s) zona(s) do território nacional em que parece mais prometededor fazer incidir o trabalho de análise futura.

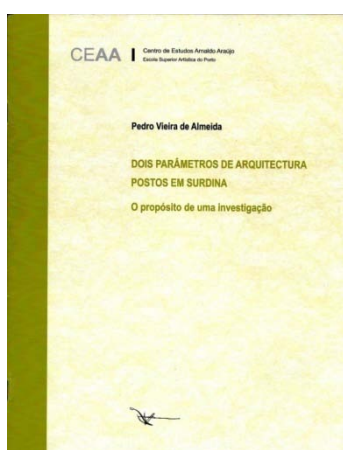
Foi o que aconteceu.

Posteriormente, a equipa foi obrigada a uma nova reorganização fruto da conjugação da morte do seu investigador responsável com a decisão coletiva de terminar o trabalho em curso.

Desta vez, porém, as alterações foram mais profundas, uma vez que a equipa foi obrigada a reprogramar a execução das tarefas e o cumprimento dos indicadores previstos, acabando por desenvolver em simultâneo parte do trabalho pendente das tarefas anteriores com aquele que estava previsto para as tarefas seguintes.

Esta reprogramação foi fundamental para a integral execução do projecto.

Registe-se também que, para o sucesso desta tarefa, contribuiu a publicação do que chamamos o documento zero – publicado com o título *Dois Parâmetro de Arquitectura Postos em Surdina. O Propósito de uma Investigação* (2010) – no qual Pedro Vieira de Almeida explicitava os termos em que se pretendia desenvolver a investigação.



Esta publicação de pequena dimensão, constituiu um veículo de apresentação pública dos objetivos do projeto e um documento interno de trabalho, cuja

discussão foi determinante para que a equipa tivesse capacidade para continuar o trabalho após o desaparecimento do seu investigador responsável.

Por outro lado, o tratamento da fortuna crítica do Inquérito, recolhida no âmbito da tarefa 2, foi determinante para a reprogramação nesta altura efetuada, do estudo da *Arquitectura Popular em Portugal* e do seu papel no âmbito da cultura arquitectónica portuguesa.

Tarefa 5: Encontro Científico [Conference]

Após o estabelecimento das conclusões provisórias, foi organizado um Encontro científico de âmbito internacional com o objetivo de confrontar o trabalho já desenvolvido com o que nesse âmbito se vinha produzir nacional e internacionalmente, bem como de avaliar pressupostos críticos, métodos e resultados do trabalho em curso.

Da ponderação das diversas vertentes que caracterizam o projeto e analisado o resultado do trabalho até então produzido, optou-se por convidar a comunidade internacional para contribuir com comunicações que pudessem ajudar a equipa a integrar o Inquérito à Arquitetura Regional num contexto internacional.

Concretamente, explicava-se que:

Um inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa tinha sido realizado pelo Sindicato dos Arquitetos entre 1955 e 1960 com apoio oficial, tendo nele trabalhado alguns dos principais arquitetos modernos portugueses. O resultado deste trabalho foi dado a conhecer através do livro *Arquitetura Popular em Portugal*, publicado em 1961 e reimpresso em 1979, 1988 e 2004.

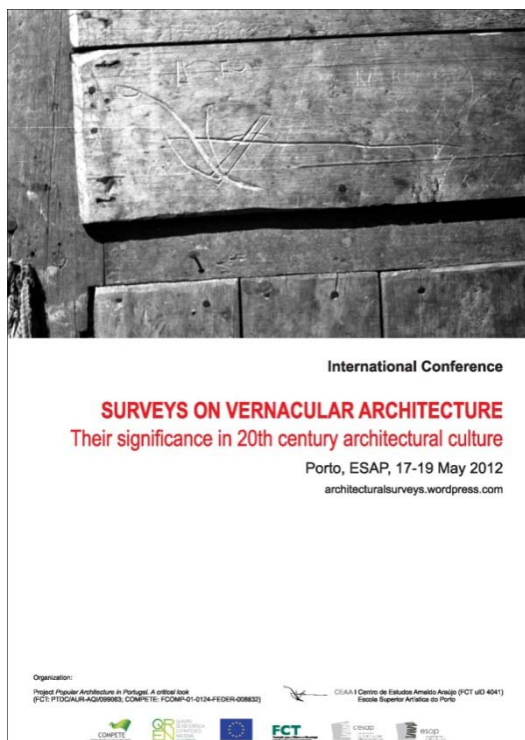
Encarado desde o início como sendo capaz de fornecer “as bases para um regionalismo honesto, vivo e saudável ” (Keil do Amaral, 1947), o Inquérito, e o livro que originou, tiveram um grande importância na cultura arquitetónica portuguesa.

Realizado num momento histórico de viragem, em alguns dos princípios do Movimento Moderno vinham a ser questionados tanto a nível nacional como internacional, o resultado do Inquérito constituiu uma peça importante na recuperação da história e da tradição nacionais por parte dos arquitetos

modernos. Além disso, o Inquérito português à arquitetura vernacular constitui um registo notável do antigo país rural realizado no exato momento em que estava prestes a desaparecer. Este facto iria garantir também a sua importância para outros campos de estudo, como a antropologia, a história e a fotografia.

Associada ao projecto em curso A “Arquitetura Popular em Portugal”. Uma Leitura Crítica (FCT: PTDC/AUR-AQI/099063; COMPETE: FCOMP-01-0124-FEDER-008832), esta conferência tem por objetivo discutir os antecedentes, condições, metodologias, resultados publicados, efeitos e importância deste tipo de inquéritos na arquitetura e no pensamento arquitetónico do século XX, com vista à compreensão do caso português no contexto cultural internacional.

Este *call for papers* foi divulgado a nível nacional e internacional através da lista de emails da European Architectural History Network (EAHN) e da Conference Alerts, para além de várias plataformas e sites nacionais (por ex: Escola Superior Artística do Porto, do IGESPAR, da Ordem dos Arquitectos, Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da FAUP) e internacionais (plataforma Vitruvius, Architectural Humanities Research Association (AHRA) e o “urban studies blog”). Foi ainda criado um site do evento: <http://architecturalsurveys.wordpress.com/>



A comunidade científica respondeu em número surpreendente atendendo à especificidade do tema – registre-se que o encontro interessou não só investigadores europeus como outros provenientes da África, Ásia e Américas do Norte e do Sul – se bem que as propostas apresentassem alguma amplitude na interpretação do que era pedido.

Nesta sequência foi decidido manter alguma tolerância na seleção das comunicações, nomeadamente no que se referia à resposta da comunidade nacional com propostas ligadas ao caso português, o que acabou por revelar-se uma excelente opção, uma vez que nos permitiu, para além do objetivo inicial de colher informação sobre o contexto internacional, comparar a nossa investigação com o que em Portugal se estava a fazer neste campo.

Assim, foram seleccionadas 30 propostas das cerca de 50 recebidas, a que se juntou a participação de dois dos consultores, que desejaram apresentar comunicação e 2 conferencistas convidados, Ana Tostões e Carlo Atzeni, seleccionados por terem eles próprios participado na realização de inquéritos à arquitetura vernacular.

Por último, a equipa entendeu também participar com duas comunicações sucessivas e interligadas entre si: na primeira, realizando uma apresentação do projeto e dos resultados até à data obtidos; na segunda, apresentando a proposta teórica de Pedro Vieira de Almeida (1933-2011) que esteve na base do projeto, enquadrando-a na obra do autor.

Com esta segunda comunicação a equipa quis simultaneamente homenagear o seu investigador responsável e registar autorias, uma vez que a continuação do projeto após o desaparecimento do seu IR lhe levantava problemas éticos no que se refere à manipulação dos instrumentos teóricos por este formulados, sendo essa manipulação todavia indispensável à continuação do trabalho.

O resumo das contribuições foi registado em papel num livro de resumos que incluía também o programa e os curricula resumidos dos intervenientes, enquanto o texto integral das comunicações era registado num livro de actas, publicado em CD Rom anexo ao *Book of Abstracts*. Ambas as publicações foram distribuídas gratuitamente a todos os participantes, tendo a edição de 100 exemplares esgotado no evento devido aos inúmeros pedidos de exemplares

para as bibliotecas das instituições a que os investigadores presentes estavam associados.



A Conferência – *Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in the 20th century architectural culture* (Porto: ESAP, 17, 18 e 19 de Maio de 2012) – acabou por revelar-se muito mais importante do que tínhamos inicialmente previsto, tendo contribuído não só para o debate e troca de experiências do tema em questão, como sido decisiva tanto para a projeção internacional do Inquérito, como para uma nova aproximação nacional ao mesmo, de que conferências posteriores como o Colóquio Internacional *Arquitetura Popular* (Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 3-6 Abril 2013) e o subsequente aumento significativo de produção teórica associada ao tema vieram demonstrar.

Por último, registe-se que a equipa procurou envolver no evento estudantes de 2º e 3º ciclo, tendo participado, a diferentes níveis, na sua organização 4 doutorandos e 5 mestrandos.

**Resumo dos dados relativos à International Conference
*Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in the 20th
century architectural culture***

Comunicações da equipa:

Maria Helena Maia, Alexandra Cardoso and Joana Cunha Leal – *Our Project: The “Popular Architecture in Portugal”. A Critical Look. Intercalar results of a research project*

Joana Cunha Leal, Maria Helena Maia and Alexandra Cardoso – *Pedro Vieira de Almeida and the Survey*

Conferências:

Carlo Atzeni – *Sardinia's historic districts Renovation Manuals*

Ana Tostões – *The Survey as a knowledge process, the research as a critic tool*

Comunicações:

Agarez, Ricardo – *Vernacular, conservative, modernist: the uncomfortable 'Zone 6' (Algarve) of the Portuguese folk architecture survey (1955-1961)*

Alcolea, Ruben & Aitor Acilu – *From Sea to Stone. Cradle of Avant-garde*

Altinöz, Meltem Özkan – *Review on Vernacular Architecture of Safranbolu Houses and Their Social and Spatial Reflection over the 20th Century Architectural Culture, Turkey*

André, Paula – *Surveys, travels and disclosure of vernacular architecture in the Portuguese and European context*

Anselmo, Marcos – *Africa's Vernacular Architecture. The Primitive in the 1960/70's Architectural Production*

Bosman, Gerhard – *Local Building Cultures and Perceptions of Wall Building Materials: Influences on vernacular architecture in rural areas of central South Africa*

Crushell, Rosaleen – *The Irish Sessions House. A Survey of a standard plan in Munster*

Dias, Tiago Lopes – *A Critical Interpretation of The Portuguese Survey in the Early Sixties: Nuno Portas and Pedro Vieira de Almeida*

Diez-Pastor, Concepción – *Architectural Koinè: Architectural Culture and the Vernacular in 20th Century Spain.*

Dimitsantou-Kremesi, Catherine and Teresa Marat-Mendes – *Issues on architectural surveys. The 'Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa'*

Fernandes, Eduardo – *Signs of the "Survey" influence in the CODA projects presented in EBAP*

Ferreira, Teresa – *Alfredo de Andrade's (1838-1915) surveys on vernacular architecture across Italy and Portugal.*

Ferrer, Manuel, Roger Miralles, Juan Fernando Rodenas, Ramon Faura, Jofre Roca, Gerard Fortuny and Gillermo Zuaznabar – *Poblenou del Delta (Villafranco del Delta), 1947: the vernacular in the new agricultural settlements of the INC (Spain)*

Gunawan, Yenny – *Undagi's Sustainable Architecture*

Limbouri-Kozakou, Elena and Maria Philokyprou – *The significance of surveys in the preservation and restoration of the vernacular architecture. The case of Cyprus.*

Lizancos Mora, Plácido & Evaristo Zas Gómez – *Lessons From Two (Contemporary) Wide Surveys on Vernacular Architecture and Traditional Settlements in Galicia and Asturias (Spain).*

Matos, Madalena Cunha – *Activism and agendas. Rural housing in Portugal from the 1930's to the 1950's as seen by architects and agronomers*

Mestre, Victor – *The Decline and Contaminations of Post-Survey Architecture in Architecture Without Architects (1955-1985)*

Moreira, César Machado – *The HICA Central Workers Quarters*

Mota, Nelson – *The Vernacular in Dubrovnik, 1956: Fetishism or Commitment?*

Muñoz, Julian Garcia – *Houses and Temples. A useful survey.*

Neves, António– *The Second Modern Generation and the Survey on Regional Architecture. Some notes based on projects of Arménio Losa and Cassiano Barbosa*

Papillault, Remi – *Vernacular Identity in the Brutalist School of Toulouse, 1950-1970*

Philokyprou, Maria and Elena Limbouri-Kozakou – *The role of the central courtyard. Surveys in the vernacular architecture of Cyprus.*

Remesar, Antoni & Salvador Garcia Fortes – *From the ordinances to the Project for a City. The importance of the “survey” on common architecture in the Eixample Project (Barcelona)*

Ribeiro, Vítor; José Aguiar & Miguel Reimão Costa – *From the Survey on Regional Architecture in Portugal to the local applied research: the experience of GTAA Sotavento in the built vernacular heritage studies.*

Rita, João Santa – *Building with the Climate in Popular Architecture in Portugal: critical reading of the “Survey on Regional Portuguese Architecture”*

Sabatino, Michelangelo – *Rustic versus Rural: The Vernacular Architecture Exhibition as Survey of the Many Faces of Italian Modernism*

Santos, Cecilia Rodrigues dos, Ana Gabriela Godinho Lima and Ruth Verde Zein – *A Modern Perspective on Vernacular Culture: Lucio Costa's strategies in Parque Guinle residential complex, Rio de Janeiro (1948-1954).*

Simon, Mariann– *Specific Architecture Rooted in the Country. Survey on regional architecture and tourism development*

Urbano, Luís – *Between here and there. Rural and urban space as national identity in 1960's Portugal.*

Virtudes, Ana Lúcia & Filipa Almeida – *The Territory of “Avieiras” Stilt-House Villages in the Survey on Vernacular Architecture: what does the future hold?*

Publicações:

Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in 20th century architectural culture: Conference Proceedings. Porto: CEAA, 2012, 554 pág. (isbn 978-972-8784-40-9)

Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in 20th century architectural culture. Book of abstracts. Porto: CEAA, 2012, 68 pág. (isbn 978-972-8784-39-3)

Organização:

Comissão Científica: Ana Tostões (IST, Portugal), Antoni Remesar (UB, Espanha), Concepción Díez-Pastor (IESA/IEU, Espanha), Joana Cunha Leal (IHA/FCSH-UNL, Portugal), Josefina Gonzalez Cubero (UVA, Espanha), Margarida Acciaiuoli (IHA/FCSH-UNL, Portugal), Maria Helena Maia (CEAA/ESAP, Portugal), Mariann Simon (BUTE, Hungria), Miguel Angel de la Iglesia (UVA, Espanha), Nuno Portas (CEAU/FAUP, Portugal), Remi Papillault (U.

Toulouse/Fondation Le Corbusier, França), Rui Ramos (CEAU/FAUP, Portugal)

Comissão Organizadora: Alexandra Cardoso (CEAA/ESAP), Joana Cunha Leal (IHA/UNL) e Maria Helena Maia (CEAA/ESAP).

Comissão Executiva: Alexandra Pereira (ESAP), César Machado Moreira (CEAA/UL), Joana Couto (CEAA/ESAP-UL), Margarida Gonçalves (CEAA/ESAP), Maria Carneiro (CEAA/ESAP), Maria Serrano (MIA/ESAP), Miguel Moreira Pinto (CEAA/ESAP) e Fábio Filipe Azevedo (MIA/ESAP).

Agradecimentos: Jorge Cunha Pimentel (CEAA/ESAP) – Design gráfico do cartaz da conferência e das capas das publicações e Susana Milão (MIA/ESAP) – Auxílio na construção da página web.

Tarefa 6: Lançamento do trabalho de campo

Sequencialmente à tarefa anterior foi necessário proceder a uma avaliação dos métodos anteriormente previstos, promovendo alguns acertos para garantir eficácia das deslocações ao terreno.

Pelas razões expostas na tarefa anterior, mas também pela constatação da importância entre a realização das deslocações e a elaboração teórica, que ia abrindo novas dúvidas e possibilidades, grande parte desta tarefa acabou por se realizar em simultâneo com o trabalho de campo e elaboração teórica e mapas.

Todas as visitas foram precedidas de um trabalho de preparação das mesmas que, para além dos aspetos logísticos mais imediatos, passou pelo levantamento da documentação gráfica publicada na *Arquitetura Popular em Portugal*, bem como de todos os exemplos exteriores a ela que se puderam encontrar, identificação da respetiva localização, cruzando esta informação com as cartas-síntese que entretanto se tinham começado a elaborar.

Este último aspeto foi especialmente importante porque estas cartas davam-nos informação sobre os "aglomerados" temáticos a visitar na sua articulação com os dois parâmetros em estudo: *espessura* e *espaço-transição*, que as visitas deviam no terreno esclarecer ou completar. A articulação com os problemas teóricos foi portanto fundamental na preparação do trabalho de campo.

Registe-se ainda a importância do trabalho preparatório, dada a dificuldade em encontrar muitas das obras referenciadas no Inquérito, uma vez que alguns dos

locais não estão sinalizados nos mapas correntes das Estradas de Portugal, tendo sido necessário o recurso a carta militares combinadas com os dados de GPS para referenciar parte das obras.

Tarefa 7: Trabalho de campo

Desde o momento da formulação deste projeto que a equipa esclareceu que o trabalho de campo não se destinava a repetir um levantamento nos termos realizados no Inquérito, mas sim a verificar hipóteses teóricas entretanto formuladas.

Daí os cuidados postos na sua preparação concreta, com vista à obtenção de uma maior eficácia e rigor na seleção, tentando com isso contribuir para uma maior densidade da leitura efetuada.

De facto, o trabalho de campo – consistindo em fotografias e levantamentos gráficos dos exemplos considerados importantes – constituiu um ponto fulcral de toda a investigação, não só porque neste caso se tratou de um reconhecimento criticamente orientado, mas também porque simultaneamente correspondeu a um ponto particularmente delicado que exigiu uma atenção pronta e uma sensibilidade disciplinada, para os exemplos encontrados.

Efetivamente, a recolha de informação no terreno foi essencial para a leitura crítica da documentação produzida pelos autores do Inquérito, mas também para a construção das cartas e mapas em que se apoiou a reflexão sobre a *espessura* e o *espaço-transição* no que ao universo da arquitectura popular portuguesa se refere.

Existiu ao longo de todo o trabalho um nível muito elevado de articulação entre a informação gráfica dos mapas que se iam produzindo e o trabalho de campo, com evidentes consequências no rigor dos resultados finais obtidos.

Daí a necessidade que desde cedo se sentiu em reprogramar o trabalho de campo de modo a que este pudesse ser realizado em direta correlação com o desenvolvimento teórico do projeto.

Daí também, que tenha existido alguma ambiguidade entre visitas prévias de reconhecimento previstas na tarefa 3 e o trabalho de campo.

Concretamente, referimo-nos às viagens às Beiras, descritas na tarefa 3, que começaram por ser pensadas como visitas exploratórias mas acabaram por ter que se prolongar e transformar em efetivo trabalho de campo.

Neste caso, em especial, a documentação gráfica de dispúnhamos apresentava a zona como rica em exemplos de *espaço-transição* o que não foi possível confirmar de imediato no terreno, atendendo à degradação de muitos dos aglomerados rurais e alterações apresentadas pela habitação popular da zona abrangida no percurso da primeira visita. Isto levou à necessidade de realizar uma segunda viagem naquela zona, para confirmar pressupostos do trabalho.

Foi assim que a equipa se apercebeu da impossibilidade de cumprir o faseamento inicialmente previsto no que se refere à aproximação no terreno aos objetos de estudo.

A necessidade de introduzir um período de reorganização da equipa e do trabalho, na sequência do desaparecimento do seu investigador responsável, também contribuiu para esta sobreposição das tarefas, que tiveram de ser realizadas num período de tempo mais curto do que aquele que inicialmente se previra.

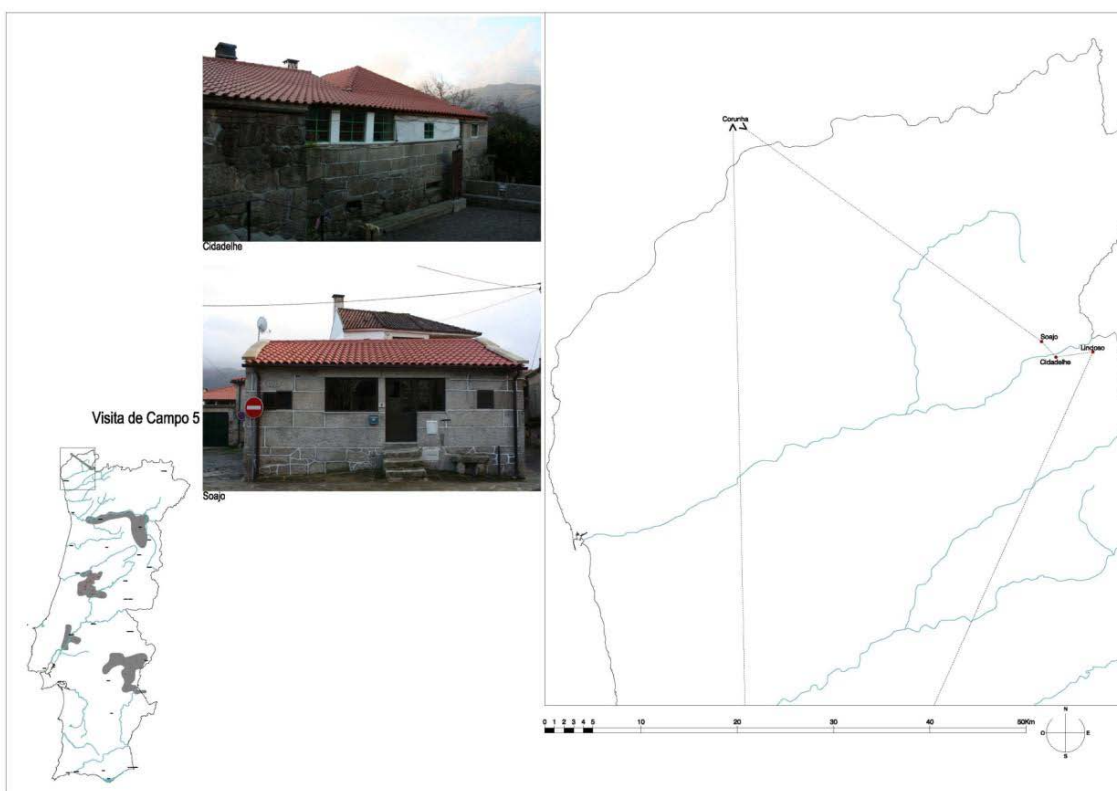
No entanto, a principal razão da referida sobreposição e mesmo fusão de tarefas foi a alteração metodológica introduzida na execução do trabalho pelas razões já atrás referidas.

Nesta fase do trabalho de campo foram realizadas várias visitas de estudo, as principais das quais na zona sul do país, concretamente Estremadura e Alentejo.

Os sugestivos exemplos de aldeias avieiras localizadas na Estremadura, foram importantes para testar alguns dos pressupostos de leitura do parâmetro *espessura*, no caso, da expressividade das *paredes delgadas*.

Especialmente importante, foi a viagem ao Alentejo, dado que a ausência de material gráfico produzido pela equipa da Zona 5 colocava um problema importante a resolver, se se queria obter uma leitura global do território.

Foi ainda realizada uma incursão no Minho e Galiza, esta última articulada com a visita à exposição *Companheiros de Ofício*, em que era explorada a relação entre a arquitetura vernacular e arquiteturas eruditas do séc. XX e portanto de grande interesse para o trabalho em curso.



Situação actual de exemplos registados pela equipa do Minho (paredes espessas e espaço-transição) © 2013

Ficaram por visitar as zonas 2, Trás-os-Montes, e a zona 6, Algarve.

Reconhecemos que teria sido preferível realizar visitas a estas duas zonas, mas desde o início que sabíamos que este trabalho seria necessariamente incompleto dado tratar-se de uma primeira aproximação ao tema.

Assim, quando houve que eleger as zonas a visitar, foram escolhidas aquelas que se revelaram mais úteis na fase em que se encontrava o trabalho.

Efetivamente, para além do conhecimento que os membros da equipa tinham já dessas duas zonas que não foram visitadas, dispondo de acesso a material abundante relativo à zona 2 e usufruindo do facto da zona 6, Algarve, ter vindo a ser objeto de um estudo sistemático, realizado no âmbito da tese de doutoramento de Ricardo Agarez, estudo que tem vindo a disponibilizar alguma informação útil a este projeto.

Tarefa 8: Elaboração teórica e mapas

Como tem vindo a ser referido, pela íntima ligação com o trabalho de campo, a tarefa de elaboração teórica e mapas acabou por ter que se iniciar mais cedo do que o previsto.

Esta situação, provocada por uma necessidade metodológica concreta, acabou por ter uma consequência positiva para o projeto enquadrada por um facto dramático para todos.

A necessidade de estruturar o corpo teórico de enquadramento do trabalho de modo articulado, ou mesmo prévio, à concretização do trabalho de campo, levou Pedro Vieira de Almeida a passar a escrito as bases teóricas do mesmo, formulando, portanto, precocemente, uma parte substancial dos resultados teóricos deste projeto, parte que apenas ele poderia produzir, uma vez que se baseava numa proposta da sua autoria.

Isto teve como consequência, que à data da sua morte existia já um trabalho de reflexão e fundamentação teórica do projeto de que a equipa pode usufruir.

O trabalho de elaboração teórica e mapas, fundamental em todo o processo de execução deste projeto, passou pois por uma interpretação teórica dos dados reunidos, que permitiram não só fixar com maior confiança as conclusões finais deste trabalho, como interagiram diretamente com o seu próprio desenvolvimento.

Efetivamente, foi necessário um longo processo de maturação, experiência e confirmação (através do trabalho de campo) até atingir uma fase de desenvolvimento do trabalho que permitisse uma sua apresentação pública.

Isto não significa que se tenha em algum momento perdido de vista uma mapização genérica, que correspondesse exatamente à ordenação crítica dos resultados possíveis, nesta fase do trabalho.

Pelo contrário.

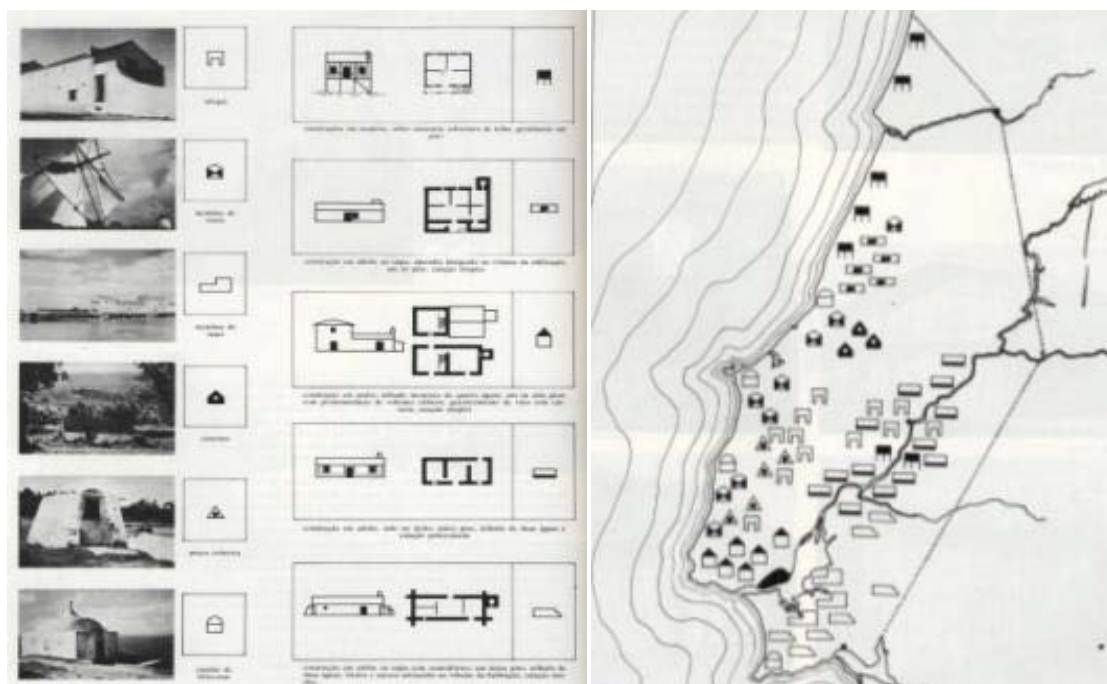
O processo progressivo de depuração e reflexão teórica que levou aos mapas e cartas finais, é pormenorizadamente descrito e ilustrado no *caderno 3* dos resultados do projeto, de que se passa a transcrever a parte introdutória, simplificando com o redimensionamento dos mapas e cartas e eliminação das notas.

Preparação da documentação gráfica publicada

Desde logo, numa primeira aproximação ao material gráfico do *Inquérito*, registado nos mapas tipológicos por zona, ressalta a ausência de compatibilização da sinalética empregue zona a zona, o que por si só impossibilita qualquer análise comparada dos resultados.

Efectivamente, cada um destes mapas delimita a zona em estudo, e inscreve sobre a mesma uma série de elementos gráficos que, segundo os seus autores, identificam “as relações, as analogias, a distribuição tipológica” dos edifícios rurais.

No entanto, os elementos gráficos utilizados variam de equipa para equipa, daí resultando uma total ausência de sistematização na notação dos diferentes tipos de construção. O facto da informação ser tratada de modo estanque em cada zona, sem que exista qualquer tipo de permeabilidade, combinada com a falta de uniformidade de critérios na descrição dos tipos arquitetónicos identificados, tornam praticamente impossível uma efectiva leitura global do *Inquérito*.



Exemplo do mapa tipológico da zona 4 – Estremadura: à esquerda, a legenda dos sinais empregues no mapa da direita que corresponde aos limites da zona.

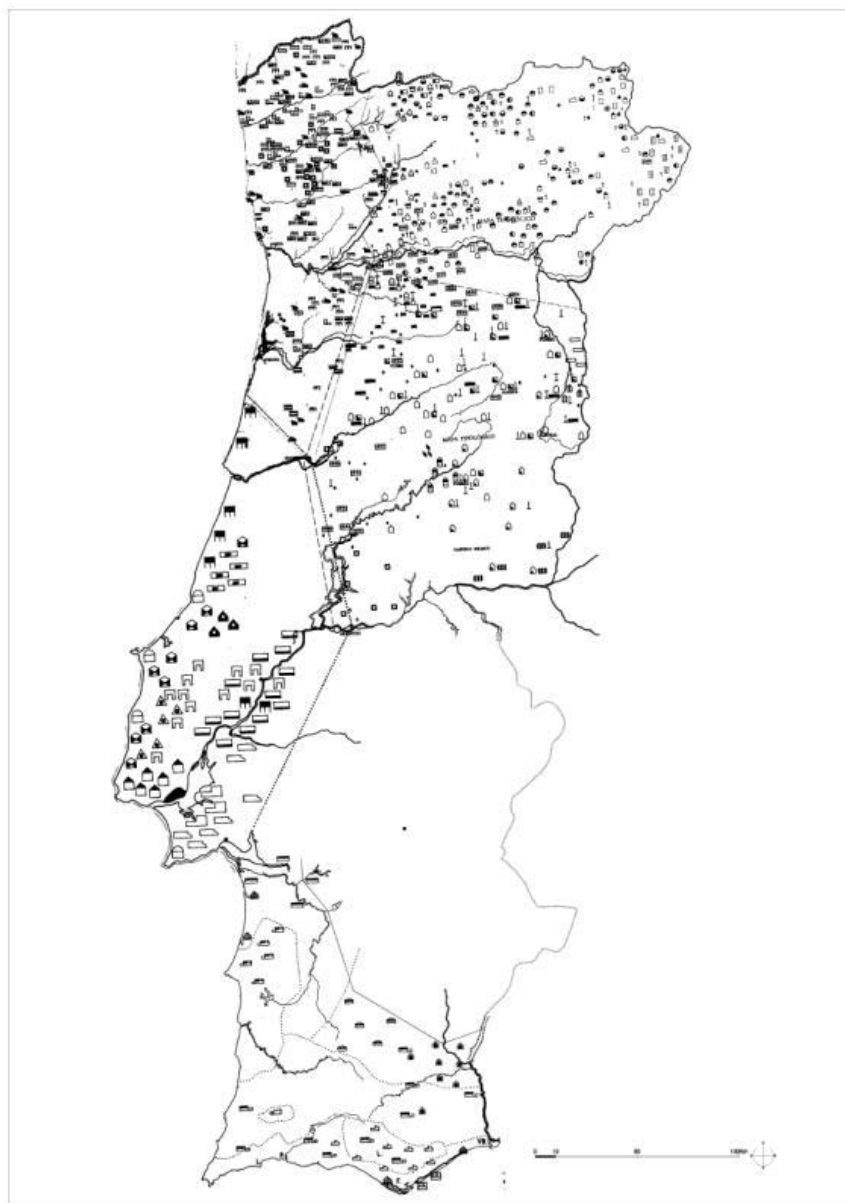
Foi, portanto decisivo para este trabalho, tratar e trabalhar a documentação existente, através de um processo de sistematização da informação por etapas, que resultou na criação de mapas-resumo progressivamente mais “limpos” de informação excedentária, que permitiram ler todo o território nacional de uma forma mais integrada.

Como método de trabalho para a realização desta tarefa, criámos dois níveis complementares de registo de toda a informação – **cartas e quadros** – sendo que os resultados neles plasmados permitiram não só a interpretação dos dados em termos de conjunto, mas também a planificação das sucessivas fases de aproximação ao tema.

A partir dos mapas tipológicos parciais publicados na *Arquitectura Popular em Portugal*, fizemos coincidir numa única carta, as fronteiras das zonas inquiridas – **Carta 0**.

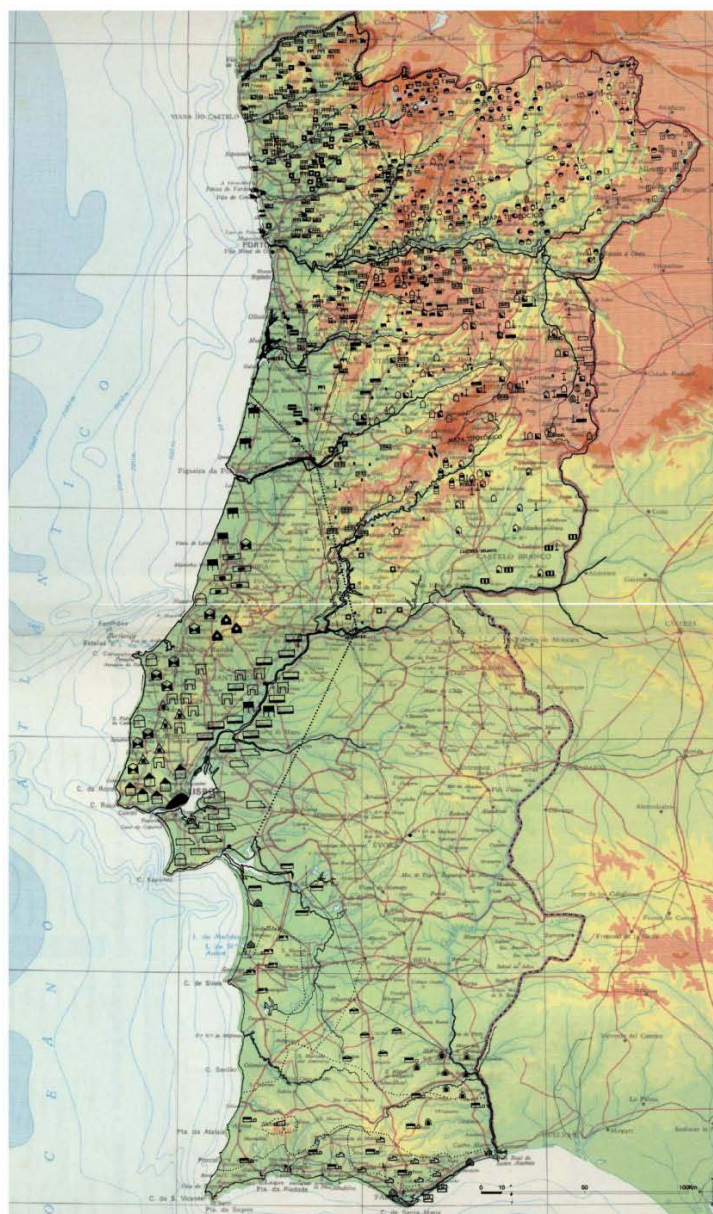
Assim, digitalizou-se cada um dos mapas existentes que respeitam às zonas 1, 2, 3, 4 e 6. Registe-se que, intencionalmente, a equipa da zona 5 não elaborou qualquer mapa, por considerar que a relação entre elementos que apresentam características comuns não se reflecte numa “firme classificação tipológica

arquitectónica”, apesar de previamente admitir e identificar “constantes arquitectónicas” pela análise feita a toda a zona que lhe coube tratar.



Carta O – Coincidir “em bruto” as fronteiras das zonas inquiridas

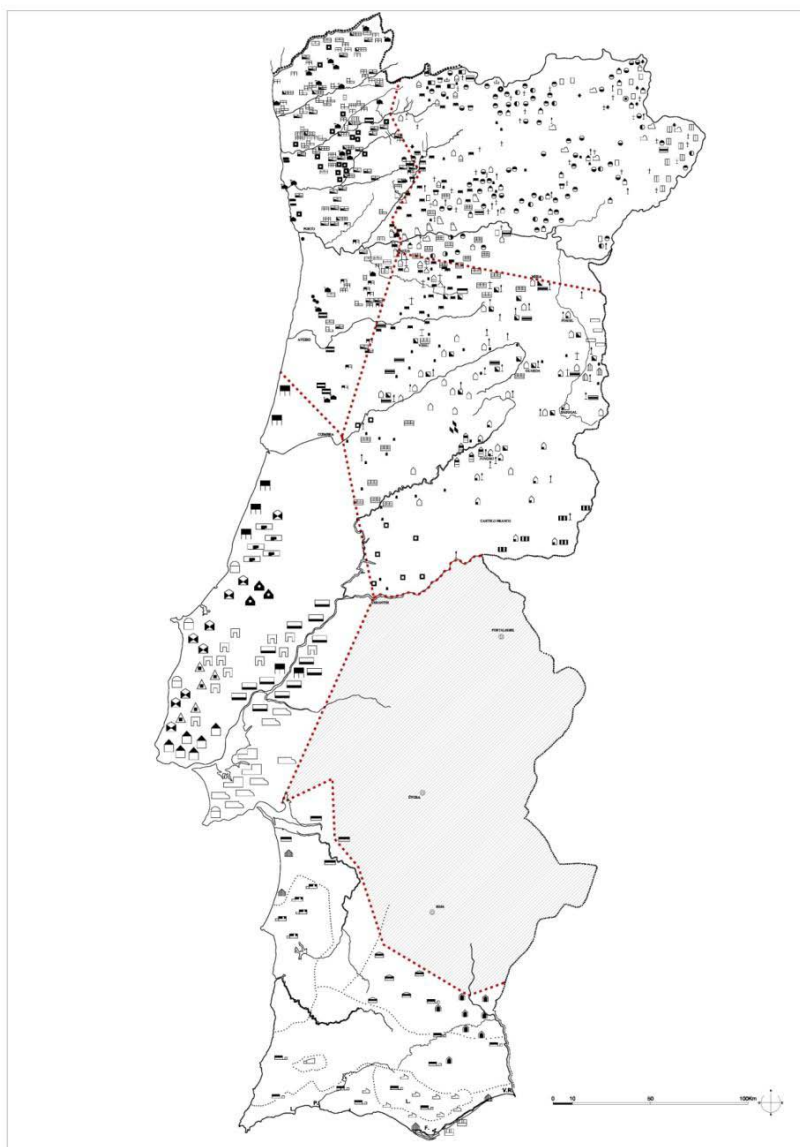
Sobre uma base cartográfica de Portugal Continental foi possível sobrepor cada um dos 5 mapas, fazendo coincidir as fronteiras de cada zona, ajustando a escala e os limites definidos por cada uma das equipas. Esta sobreposição veio adicionar um conjunto de informação extra, ao nível das características geográficas e dos elementos fisiográficos, em mapas cujo registo abstracto dificulta a contextualização dos exemplos da arquitectura popular considerados significativos por cada uma das equipas.



Sobreposição das zonas inquiridas num mapa de Portugal de 1962

A passagem da informação da base digital da Carta 0 para uma base vectorial interactiva – **Carta 1** – vai permitir manusear os dados gráficos recolhidos no *Inquérito* de uma forma consciente e orientada para o estudo das hipóteses de trabalho formuladas – a **espessura** e o **espaço-transição** – enquanto valores expressivos.

Assim, para cada símbolo utilizado em cada uma das zonas, foi criado o mesmo desenho com referências vectoriais – *bloco* – (software *Autocad*) que permite ser activado ou desactivado, num processo de triagem da informação, através de *filtros* a aplicar em cada fase de estudo.



Carta 1 – passagem da base digital para uma base vectorial, com a indicação dos limites das zonas e da área da zona 5 sem registo de tipologias (trama cinza)

Para além de constatar um evidente excesso de informação, este exercício permitiu perceber que para um estudo comparado assente numa base uniformizada faltava o mapa resumo da Zona 5 – Alentejo.

Para resolver este vazio, decidimos fazer um esboço do mapa em falta com base numa carta regional anotada pela equipa desta zona. Assim, sobrepôs-se à carta de Portugal Continental a carta de Amorim Girão com o traçado das seis sub-regiões que constituem a zona 5 do Inquérito. Foi então possível identificar a localização e sinalizar os exemplos de habitação mencionados por esta equipa, permitindo assim mapear as tipologias à semelhança do que foi feito para as outras zonas.



	Sub-região Alentejo: 2 pisos, telhado 2 águas, granito em paredes e guarnecimento de vãos, varanda beiré, anexos p/animais.
	Sub-região Barros: 1 piso, telhado 1 ou 2 águas, chaminé dominante na fachada, valorização da cozinha, uso da cal.
	Sub-região Serra de Borda: 2 pisos, telhado 1 ou 2 águas, chaminé na fachada a partir do 2º piso, vãos c/ guarnecimento, decoração harmonizada com o mármore.
	Sub-região Plataforma de Évora: região síntese, cobertura em abóbada de tijolo, arco cego c/ janela sobreposta, contraste do granito com a cal, montes.
	Sub-região Barros de Beja: utilização maciça da talpa, superfícies exclusivamente calcadas, vãos sem guarnecimento e sem cabedlo de vidro ("buracos nas superfícies") e com portada de madeira, paredes maciças, montes.
	Sub-região Alentejo-Guadiana: cobertura em abóbada e abobadilha.

Carta regional apresentada pela equipa da zona 5 e quadro com a sinalização das tipologias por sub-região (por nós proposta)

Para esta tarefa de ensaiar um mapa tipológico da Zona 5, os exemplos anotados, a representação gráfica empregue, bem como a sua caracterização, basearam-se em pontos de abordagem semelhante que julgamos ter identificado no conjunto das três equipas do sul do país. Note-se que estas equipas foram particularmente sensíveis aos aspectos formais e construtivos da habitação rural, para além da referência a áreas geográficas ter sido um recurso utilizado na zona 6 para caracterizar os diferentes tipos da habitação algarvia.

Para cada sub-região foi decidido criar um sinal representativo do essencial que retivemos da caracterização dada pelos seus autores quanto à forma e aos elementos construtivos para cada tipo.

Assim, e a título de exemplo, podemos mencionar que a habitação da sub-região de *Barros* se distingue por uma construção de um piso com telhado e cuja importância dada ao espaço da cozinha se expressa no elemento da chaminé, que domina a composição da fachada, normalmente caiada. Graficamente

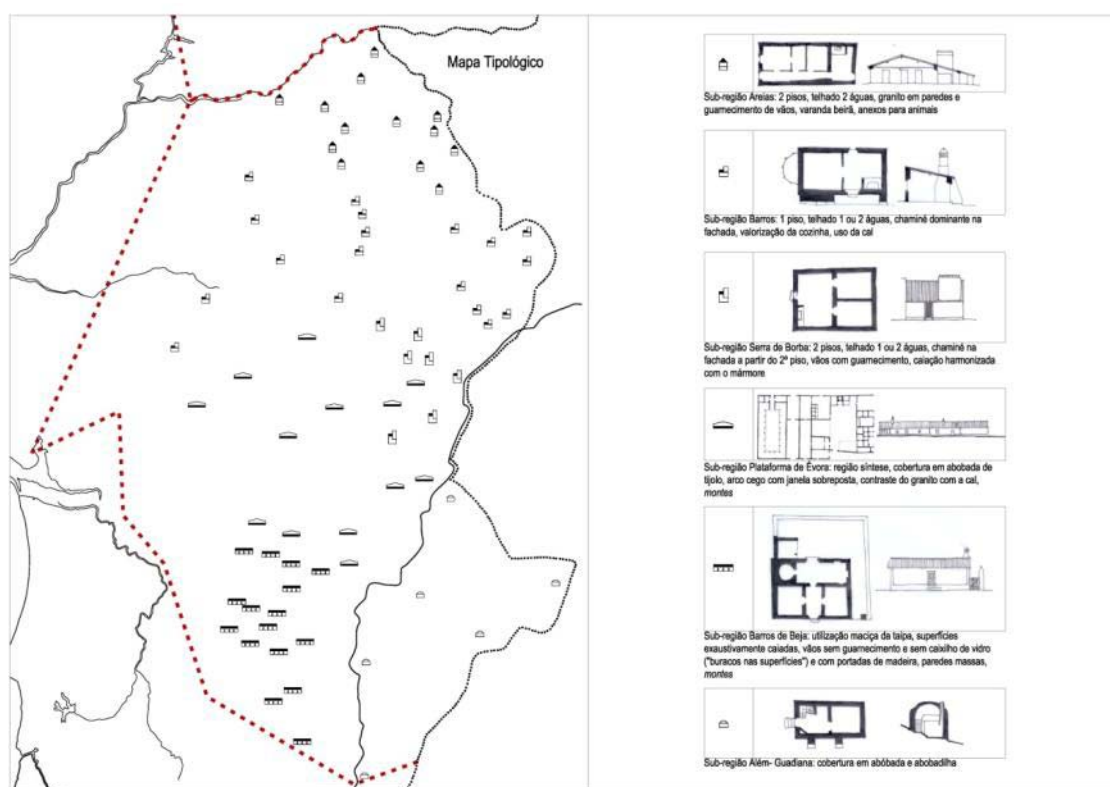
resultou no sinal

Paralelamente, e no sentido de dar um significado arquitectónico a cada um dos sinais, seleccionaram-se do conjunto dos exemplos registados para esta zona, aqueles que considerámos mais elucidativos de cada uma das sub-regiões.

Para cada uma das habitações redesenhou-se manualmente uma planta e um alçado na sua forma mais esquemática, que foram posteriormente digitalizados e inseridos numa grelha em conjunto com os sinais e com os descritivos.

O resultado final pretende não ir mais além do que o apontar de uma hipótese de síntese quanto à classificação por tipos da zona 5, apoiando-nos para tal naquilo que identificamos como base da composição dos mapas apresentados para as restantes zonas.

Registe-se que a elaboração deste esboço tipológico constituiu uma tentativa de interpretar graficamente o que a estrutura do capítulo *Arquitetura da Zona* em si já prevê: identificar características comuns nos tipos de soluções construtivas face às condições geográficas patentes em cada sub-região.



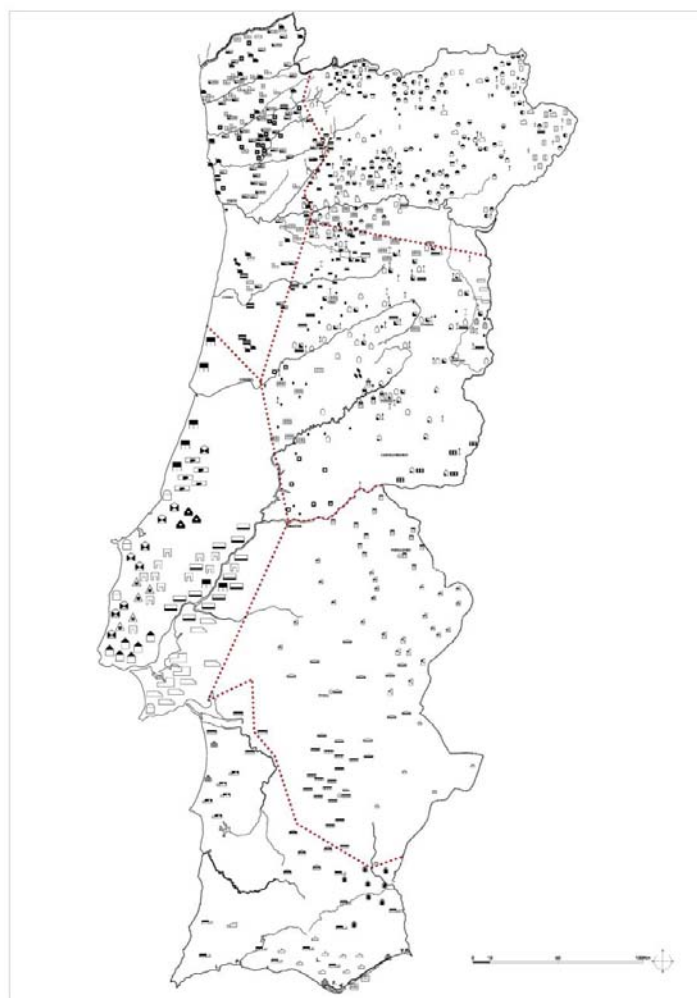
Hipótese de um mapa tipológico para a zona 5 - Alentejo

Com a informação reunida das seis zonas, agora compilada na **Carta 2** e no **Quadro 1**, passou a ser possível dispor de uma base de trabalho, sobre a qual de imediato se tornou evidente a diversidade de leituras, reflectida na

multiplicidade de sinais utilizados, **num total de 82**, que caracterizam os diferentes tipos de edifícios considerados significativos pelos arquitectos autores da publicação *A Arquitectura Popular em Portugal*.

Esta diversidade parece resultar de critérios individuais adoptados por cada equipa, que se podem reconhecer na diferente opção quanto aos edifícios seleccionados, na escolha personalizada dos elementos gráficos para os identificar e no grau de especificidade com que os mesmos são caracterizados.

Mas podemos também considerar a possibilidade de que esta variedade de registo traduza diferentes sensibilidades na forma como as equipas abordaram as respectivas áreas de estudo, concretamente no que se refere às questões de ordem formal e construtiva. Recorde-se que estes aspectos exerceram um grande fascínio sobre os arquitectos, quando procederam ao levantamento de campo, conforme testemunham alguns dos seus autores.



Carta 2 – Zona 5 integrada com preenchimento dos sinais (por nós propostos). Total de 82 sinais registados pelas seis equipas

[illegible]

Quadro 1 - todos os sinais utilizados pelas equipas do *Inquérito*.

Numa leitura agora mais comparada da informação é possível constatar algumas evidências quanto à forma como as equipas pontuaram o seu registo.

- 1) De um modo geral, a sinalética empregue tenta representar esquematicamente o alçado dos edifícios acentuando os seus elementos mais significativos, i.é. as escadas, as águas do telhado, os anexos integrados, os contrafortes, as chaminés, etc.
- 2) Em todas as zonas do levantamento existem áreas “brancas”, visíveis pela ausência de sinalética empregue, não havendo dados que justifiquem o seu significado ou intencionalidade em não terem sido tratadas.
- 3) Na faixa de transição entre zonas não há cruzamento de informação, uma vez que cada equipa não registou tipologias para além dos limites estipulados, barrando à partida com esta fronteira, que entendemos artificial, a hipótese de definir articulações possíveis. Podemos encontrar a única excepção em exemplos identificados pela equipa da zona 2 – Trás-os-Montes – que regista o facto de alguns dos tipos terem continuidade para a zona 1 do Minho e para a zona 3 das Beiras.
- 4) Por considerar não existir “unidade arquitectónica” na zona das Beiras, a equipa respectiva subdivide o seu registo em sub-regiões, cada uma associada a

uma “casa típica”, sem que seja esclarecido o porquê desse “tipismo”. Com base nos mesmos motivos, as equipas da zona 5 e da zona 6 tiveram atitude semelhante quanto ao parcelamento da área em estudo para analisar os diferentes tipos de habitação.

5) Podem detectar-se alguns pontos de contacto na representação gráfica das zonas 2 e 3 quanto à semelhança do *icon* utilizado. É o caso das habitações com varanda envidraçada, dos espigueiros, dos pelourinhos e cruzeiros, das alminhas ou dos mercados/alpendres de feira. Note-se que estas duas zonas são as únicas que registam edifícios comuns - *casa típica da Sub-região B-*, apesar deste tipo curiosamente não estar localizado nos limites comuns de fronteira.

6) É observável nas zonas 1, 2, e 3 e uma disposição quanto ao registo das tipologias em possíveis grupos temáticos: a habitação, as construções de apoio colectivo à habitação (sequeiros e espigueiros), os equipamentos (mercados) e as construções de carácter religiosos (igrejas, capelas, alminhas). Por sua vez na zona 4 – Estremadura -, o registo pode subdividir-se em dois grandes grupos: a habitação e as construções com um carácter indutor de uso colectivo (adegas, moinhos, cisternas e poços cobertos), com um apontamento aos edifícios religiosos nas capelas de beira-mar. A zona 6 do Algarve apenas regista tipos de habitação.

Para além das imediatas consequências gráficas, esta fase do trabalho veio também permitir um processo sucessivo de análise e interpretação crítica dos exemplos registados, tendo subjacente os dois parâmetros em estudo, o que nos veio permitir começar a delinear os resultados finais obtidos.

Num primeiro nível de sistematização, entendemos constituir grupos temáticos, com a informação hierarquizada segundo a ordem de interesse para o presente trabalho – **Quadro 2**. Julgamos poder enquadrar nestes grupos a grande diversidade de tipos registada pelas equipas e verificar a correspondência entre a sinalética empregue e os edifícios que concretamente representa. Num sistema de grelha estruturada por agrupamento, zona de estudo e tipologia, arrumaram-se os sinais pelo seu conteúdo, criando um sentido de planificação que permitiu cruzar a informação de forma mais perceptível.

A criação destes grupos teve em conta a incidência da amostragem na recolha feita pelas equipas quanto ao tipo de uso do edifício ou elemento que lhe está associado: (1) a habitação, (2) os de apoio à habitação (sequeiros, espigueiros e fornos), (3) os que induzem num uso colectivo (noras, abrigos, adegas, moínhos, cisternas e poços), (4) os equipamentos (mercados), (5) os de simbologia religiosa (igrejas, capelas e alminhas), (6) os marcos com forte carácter simbólico (pelourinhos e cruzeiros) e (7) o elemento torre.

HABITAÇÃO		<table border="1"> <tr><td>Z1</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z2</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z3</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z4</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z5</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z6</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table>	Z1																				Z2																				Z3																				Z4																				Z5																				Z6																			
Z1																																																																																																																										
Z2																																																																																																																										
Z3																																																																																																																										
Z4																																																																																																																										
Z5																																																																																																																										
Z6																																																																																																																										
APOIO HABITAÇÃO - Sequeiros - Espigueiros - Fornos		<table border="1"> <tr> <td colspan="3">ESPIQUEIROS</td> <td colspan="3">SEQUEIROS</td> <td colspan="3">FORNOS</td> <td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td> </tr> <tr><td>Z1</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z2</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z3</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table>	ESPIQUEIROS			SEQUEIROS			FORNOS													Z1																				Z2																				Z3																																																												
ESPIQUEIROS			SEQUEIROS			FORNOS																																																																																																																				
Z1																																																																																																																										
Z2																																																																																																																										
Z3																																																																																																																										
COLECTIVO - Noras - Abrigos - Adegas - Moínhos - Cisternas - Poços		<table border="1"> <tr> <td colspan="3">NORAS</td> <td colspan="3">ABRIGOS</td> <td colspan="3">ADEGAS/MOÍNHOS/CISTERNAS/POÇOS</td> <td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td> </tr> <tr><td>Z1</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z3</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z4</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table>	NORAS			ABRIGOS			ADEGAS/MOÍNHOS/CISTERNAS/POÇOS													Z1																				Z3																				Z4																																																												
NORAS			ABRIGOS			ADEGAS/MOÍNHOS/CISTERNAS/POÇOS																																																																																																																				
Z1																																																																																																																										
Z3																																																																																																																										
Z4																																																																																																																										
EQUIPAMENTOS - Mercados		<table border="1"> <tr><td>Z1</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z2</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z3</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table>	Z1																				Z2																				Z3																																																																															
Z1																																																																																																																										
Z2																																																																																																																										
Z3																																																																																																																										
RELIGIOSO - Igrejas - Capelas - Alminhas		<table border="1"> <tr> <td colspan="3">IGREJAS</td> <td colspan="3">CAPELAS</td> <td colspan="3">ALMINHAS</td> <td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td> </tr> <tr><td>Z1</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z2</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z3</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z4</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table>	IGREJAS			CAPELAS			ALMINHAS													Z1																				Z2																				Z3																				Z4																																								
IGREJAS			CAPELAS			ALMINHAS																																																																																																																				
Z1																																																																																																																										
Z2																																																																																																																										
Z3																																																																																																																										
Z4																																																																																																																										
MARCOS - Pelourinhos - Cruzeiros		<table border="1"> <tr><td>Z2</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Z3</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table>	Z2																				Z3																																																																																																			
Z2																																																																																																																										
Z3																																																																																																																										
TORRE		<table border="1"> <tr><td>Z1</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table>	Z1																																																																																																																							
Z1																																																																																																																										

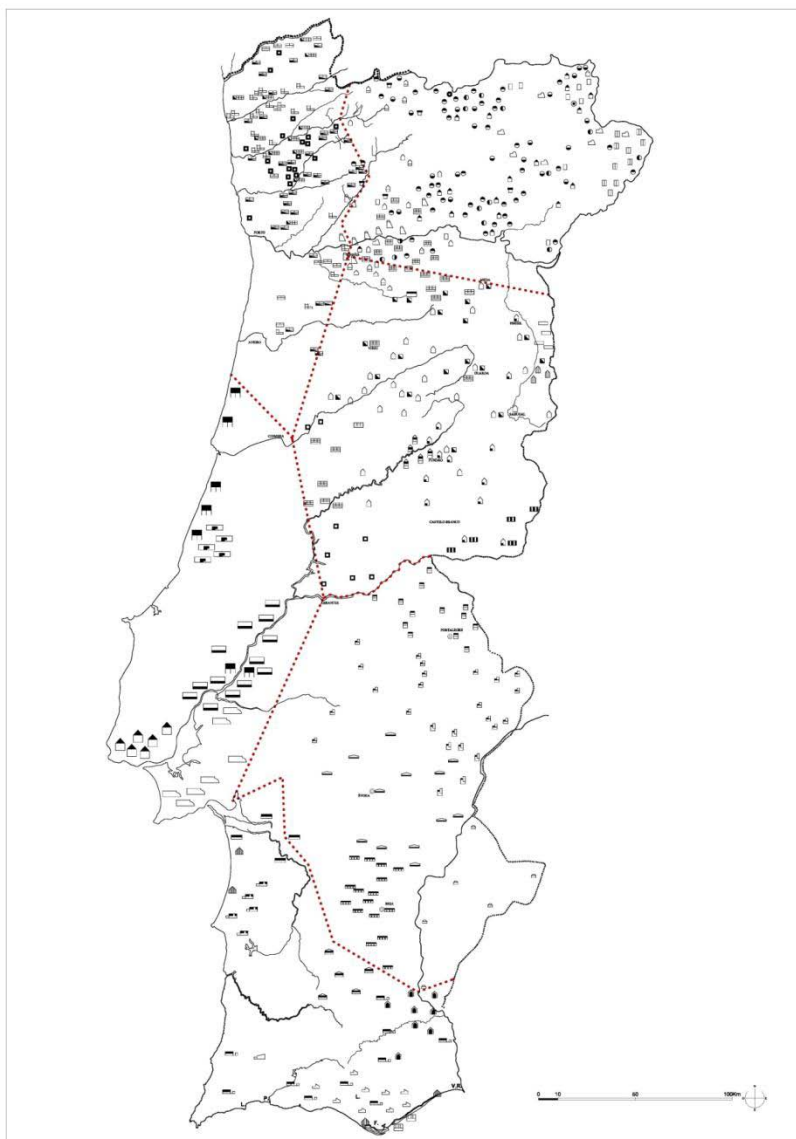
Quadro 2 – registo de todos os sinais utilizados, arrumados por significados (por nós estabelecidos)

A observação deste quadro veio acrescentar informação mais detalhada às referências anteriormente anotadas aquando da análise do quadro 1:

- 1) A existência de uma assimetria entre as zonas quanto à quantidade de exemplos recolhidos para a tipologia de habitação, sendo de realçar o caso da zona 2, que apresenta um registo muito alargado e com apontamentos de detalhe pontual mimeticamente representados no símbolo utilizado, como é o caso do elemento da chaminé ou da porta carral.
- 2) As zonas 2 e 3 constituem um exemplo significativo de utilização da mesma sinalética para registo de alguns tipos de habitação. Aliás, quando cruzados estes dados com a informação constante no Quadro 1 é possível verificar que estes sinais correspondem à mesma tipologia.
- 3) A relação da habitação rural no seu prolongamento e dependência com as construções anexas de apoio é fortemente vincada pelas equipas das zonas 1, 2 e 3, com a importância dada às construções dos sequeiros e dos espigueiros.
- 4) As zonas 1, 2, 3 e 4 alargam o âmbito do seu levantamento para além das tipologias da habitação ao registarem construções com um outro tipo de função.
- 5) A utilização pelas equipas de diferente sinalética para representar construções com o mesmo tipo de uso, como é o caso dos espigueiros, dos sequeiros, dos mercados ou das capelas. Esta diferenciação pode de alguma forma estar relacionada com o que atrás já foi referido quanto à representação gráfica o mais possível estilizada da imagem real e específica de cada edifício em cada zona de estudo.
- 6) O mercado é unicamente indicado pelas equipas 1, 2 e 3. No entanto, a equipa da zona 4 identifica, nos aglomerados rurais, um conjunto de construções variadas que indiciam um uso colectivo, o que poderá remeter para uma abordagem do território mais sensível a indicadores de alguma urbanidade.
- 7) As equipas da zona 2 e 3 são as únicas que registam elementos com um forte carácter simbólico e de excepção face ao levantamento geral, uma vez que não se limita aos edifícios. Estas duas equipas estão uma vez mais coincidentes quanto à utilização de uma mesma sinalética para os indicar, neste caso as *alminhas*, os *cruzeiros* e os *pelourinhos*.

8) Os exemplos de *torre* registados exclusivamente na zona 1 aparecem como um elemento singular neste levantamento.

No decurso da sistematização de informação que se seguiu, excluímos alguns elementos que não nos pareceram relevantes para a investigação crítica que pretendemos desenvolver. Como resultado, destacámos as estruturas com maior carácter indutor de vida colectiva – **a habitação** – anulando as restantes que nos pareceram apresentar apenas uma utilidade induzida – as estruturas de apoio à habitação, as estruturas de apoio à produção, os equipamentos, as igrejas e capelas, os marcos e as torres - **CARTA 3**.



Carta 3 – Manter só os sinais relacionados com a habitação. Sinais excluídos: sequeiros, espigueiros, noras cobertas, abrigos de barcos e utensílios de sargaçeiros, fornos, pelourinhos, alminhas, cruzeiros, adegas, moinhos, cisternas e poços cobertos, mercados e torres

Findo este processo apuraram-se **53 tipos** de habitação popular, facto que nos levou a reflectir se a este elevado número de construções correspondia uma efectiva diferenciação no que à essência destas arquitecturas respeitava, ou se pelo contrário poderiam existir particularidades em comum.

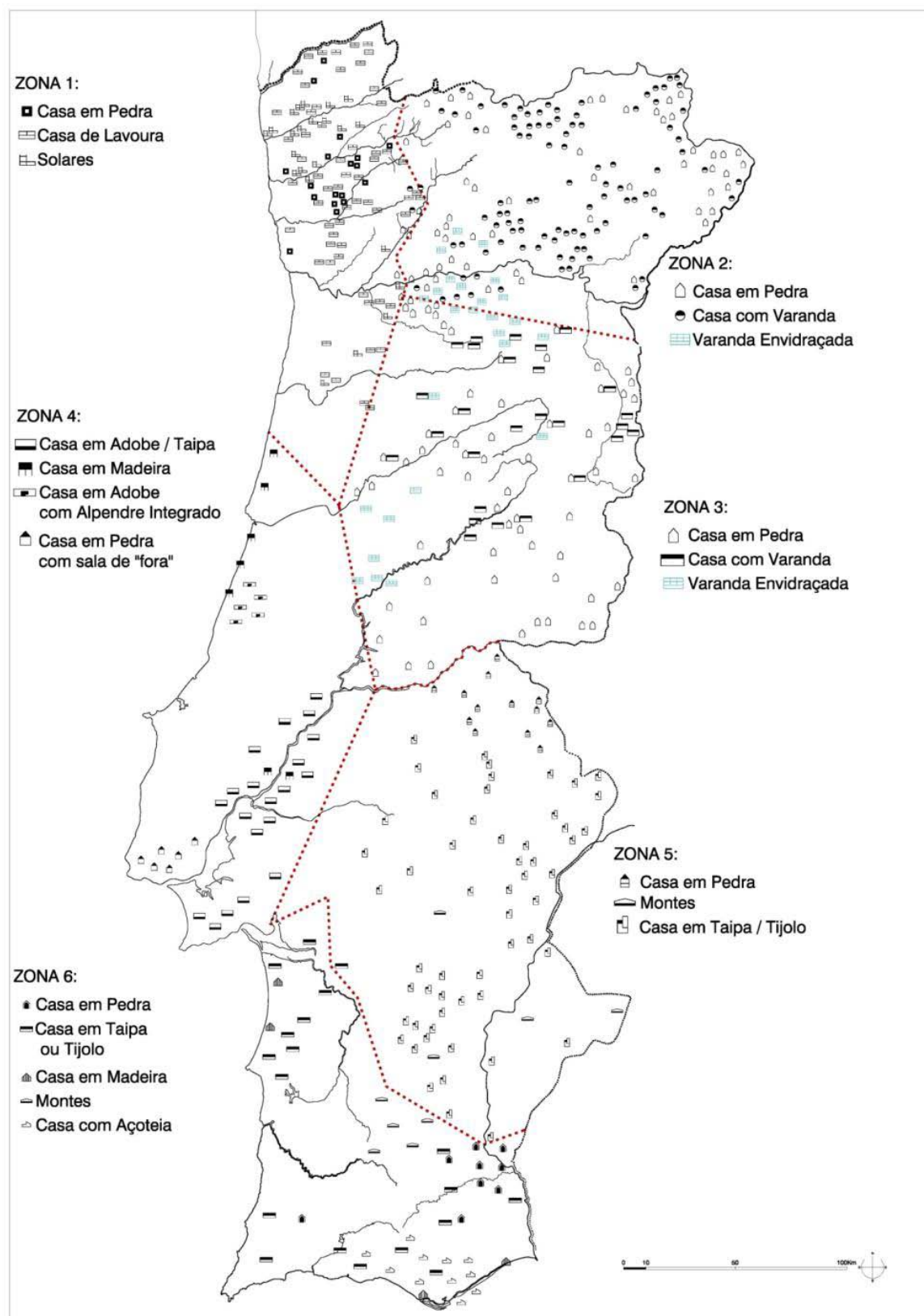
Paralelamente, também nos pareceu evidente que para o grupo dos edifícios de habitação seria necessário criar um outro nível de selecção que permitisse uma maior inteligibilidade da informação inserida.

Nesse sentido, e num segundo nível de sistematização, entendemos proceder a uma tentativa de agrupamento numa mesma classificação tipológica, dos exemplos de habitação que no *Inquérito* são entendidos separadamente e apresentados como distintos, sem que disso nos pareça à partida resultar qualquer vantagem analítica, ensaiando também um primeiro reconhecimento dos valores expressivos da *espessura* e do *espaço-transição* - **CARTA 4**.

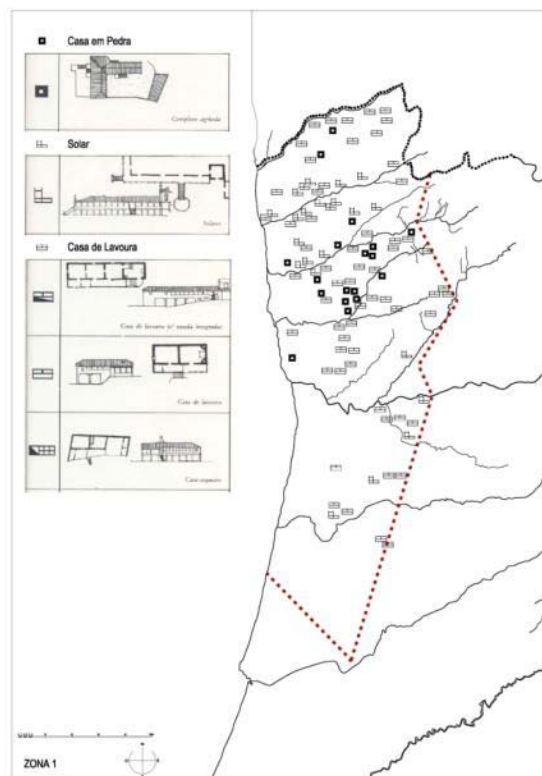
Neste processo de associação e para cada zona de estudo aplicaram-se *filtros* ao conteúdo dos mapas tipológicos. Um primeiro filtro foi aplicado ao nível dos materiais que constituem a estrutura da habitação – pedra, adobe, taipa e madeira – que poderiam traduzir a variável da espessura da parede, e um segundo filtro foi aplicado ao nível dos elementos arquitectónicos – varanda, alpendre, pátio, açoteia – que poderiam traduzir a variável do espaço transição. O elemento da varanda envidraçada foi de imediato destacado por considerarmos que à partida ele pode conter uma vivência própria do espaço transição.

Para cada zona utilizaram-se os sinais de origem que melhor representam esta nova uniformização de tipos, sendo que a sua legenda pretende já enunciar uma ligação transversal ao nível de todo o território nacional dos dois parâmetros em estudo.

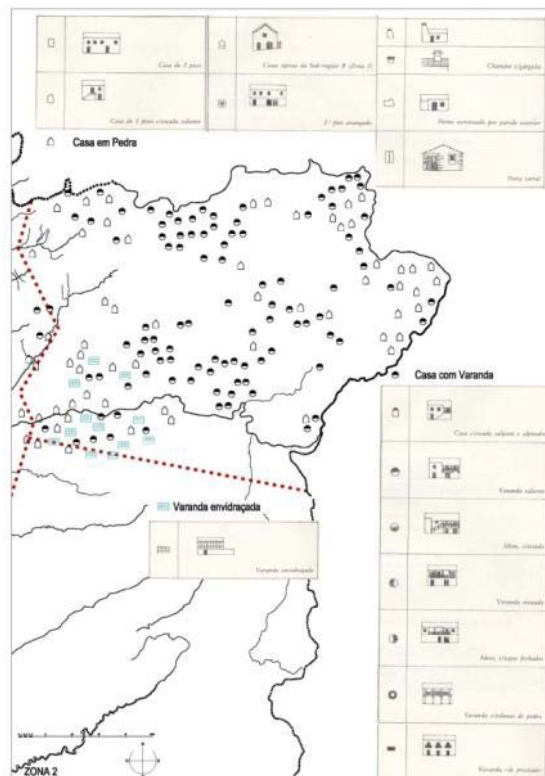
Com esta depuração de sinais excedentes, diminuiu-se o número de tipos de habitação para **21 tipos**, o que começou a tornar a leitura do conjunto mais legível e orientada, estabelecida agora numa nova base de trabalho assente numa maior compatibilização entre as zonas.



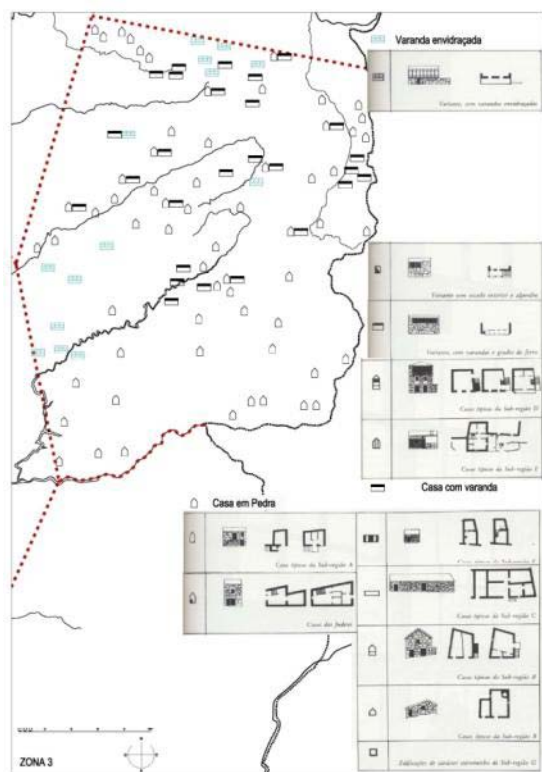
Carta 4 – Sinais síntese - agrupar na mesma classificação tipológica exemplos de habitação apresentados como distintos pelo Inquérito.



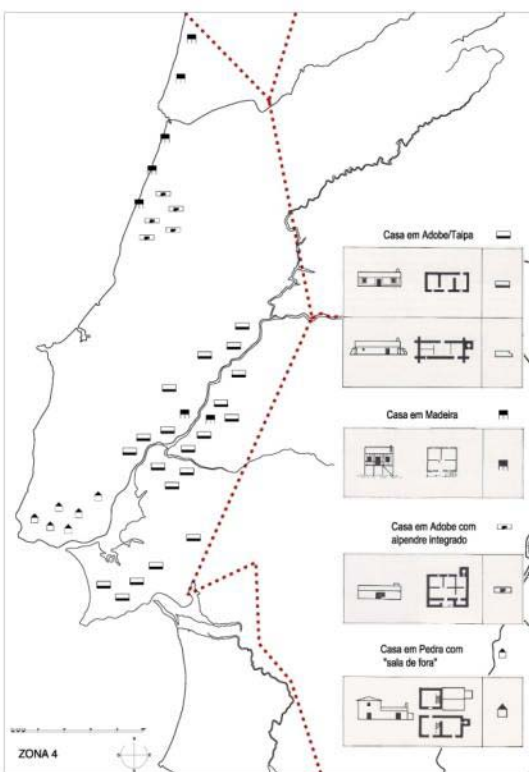
Zona 1: agruparam-se as casas de lavoura



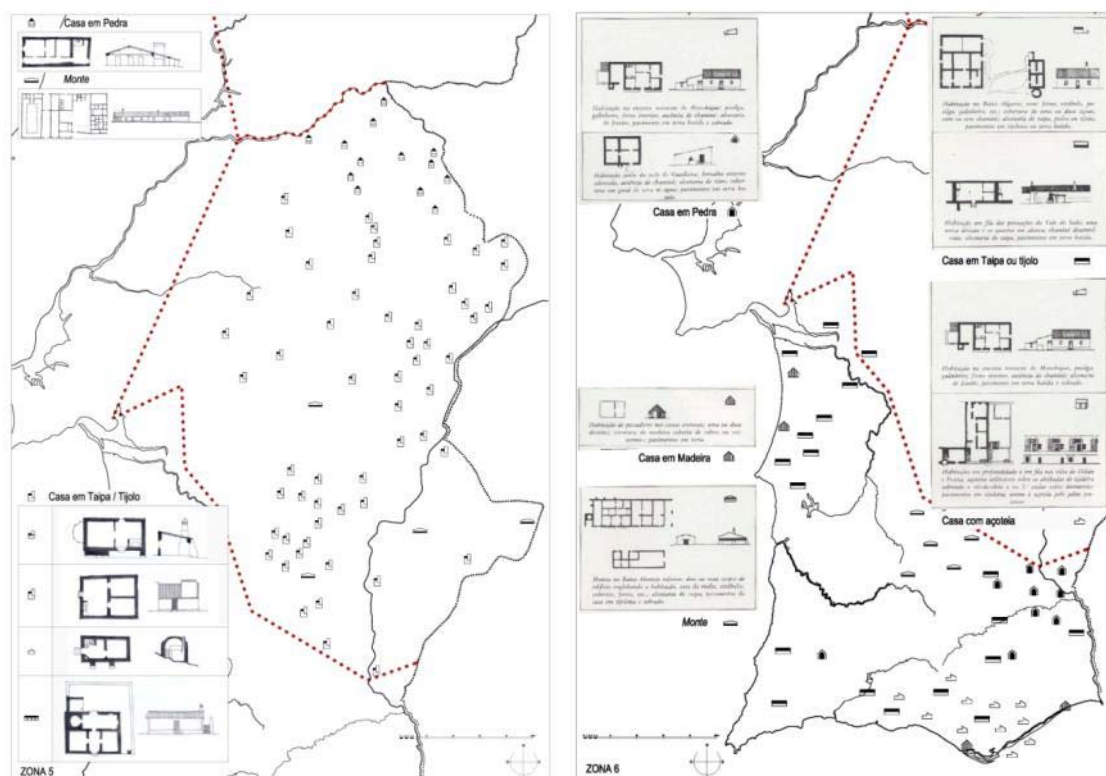
Zona 2: agruparam-se as casas em pedra e as casas com varanda



Zona 3: agruparam-se as casas em pedra e as casas com varanda



Zona 4: agruparam-se as casas em adobe e taipa



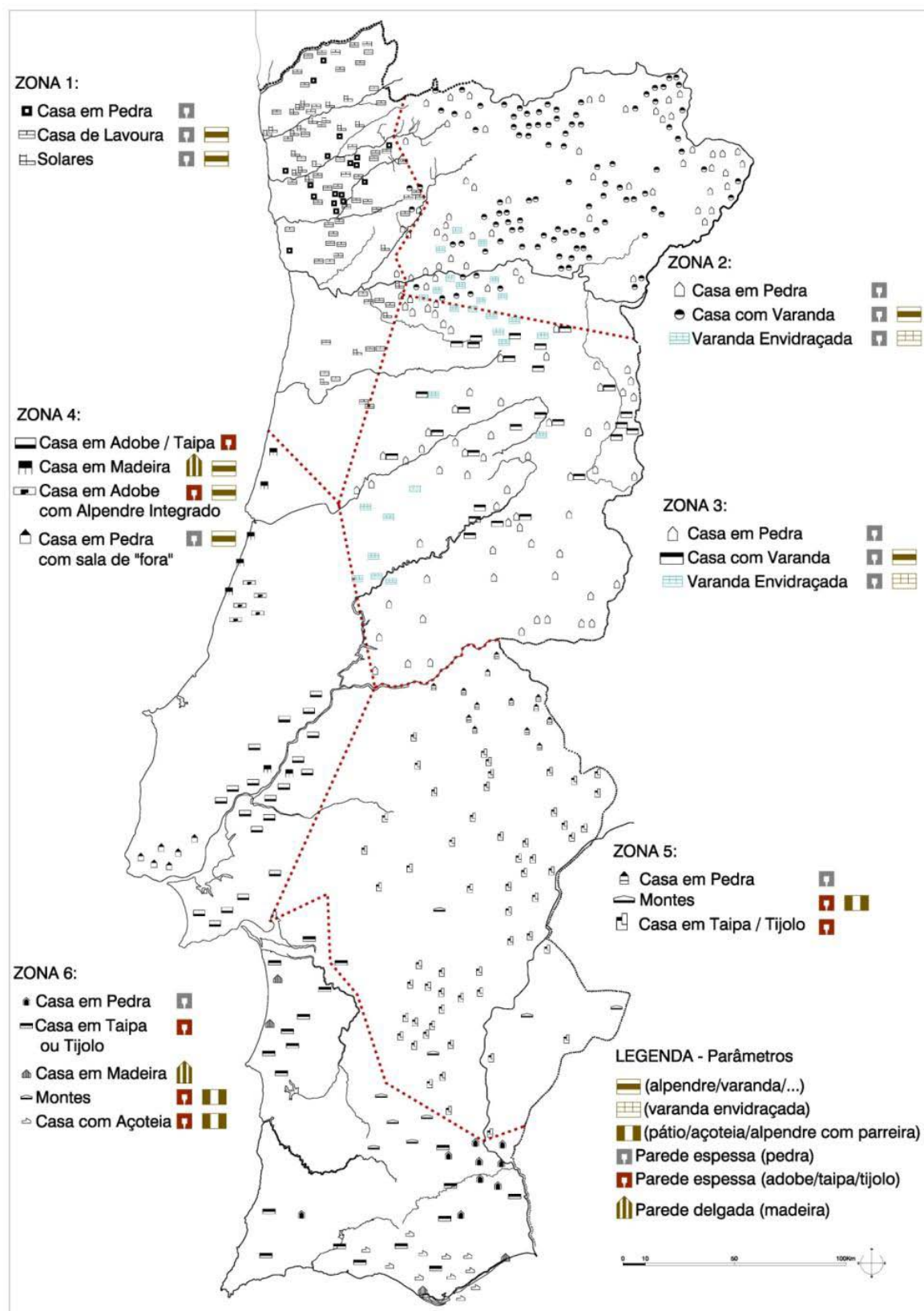
Zona 5: agruparam-se as casas em taipa e tijolo

Zona 6: agruparam-se as casas em pedra, taipa ou tijolo e casa com açoteia

Os dois parâmetros

Tendo sempre presente neste processo de sistematização, a noção teórica da **espessura das paredes** e do **espaço transição**, enquanto valores expressivos do espaço arquitetónico, para cada zona foram associados os exemplos de habitação, que contendo em si características comuns, entendemos que melhor representavam destes dois parâmetros, não obstante muitos dos exemplos conterem em si as duas vertentes - **Carta 5**.

Para tal, cruzaram-se os dados contidos nos mapas tipológicos – caracterização física e funcional das habitações tipo – com a vasta informação da publicação *Arquitetura Popular em Portugal*: desenhos de arquitetura (plantas e cortes) e fotografias. Esta fase implicou uma análise detalhada sobre a descrição feita por cada equipa, para cada exemplo, no contexto da zona correspondente.



Carta 5 – associação dos exemplos de habitação que representam os parâmetros em estudo e com indicação da nova sinalética

Posteriormente, a informação obtida foi **lida transversalmente** tendo agora como base todas as regiões consideradas, ocultando definitivamente os limites pré-estabelecidos, de certo modo artificiais e condicionadores. Efectivamente, se por um lado os mapas tipológicos originais são estruturalmente diferentes e não consistentes uns com os outros, por outro, do nosso ponto de vista, os exemplos neles recolhidos têm uma grande consistência que ultrapassa a caracterização tipológica inicial.

Assim, de uma abordagem originalmente circunscrita a zonas delimitadas, passou-se para uma leitura global e integrada. Tendo, desde o início, como objetivo obter uma mapização genérica que correspondesse à ordenação crítica dos resultados, nesta fase do trabalho já foi possível registar em novos mapas os dois os parâmetros em estudo: a ***espessura das paredes*** e o ***espaço-transição***.

Como escreveu Pedro Vieira de Almeida, a consideração destes dois parâmetros conduziu a “novas explorações tipológicas, concretizadas desde logo na necessidade de uma nova definição de “tipo”, através de um novo olhar sobre elementos comuns destetáveis nos locais que os estructure expressivamente”.

Igualmente, para a definição de uma nova sinalética que qualificasse os dois parâmetros em análise, foi necessário criar novos sinais que melhor expressassem as tipologias em estudo.

Tendo como base o *Inquérito*, tentámos identificar quais seriam os sinais aí utilizados que melhor serviam o nosso objetivo, independentemente do tipo de uso que lhes estava associado.

Pretendíamos no entanto, obter sinais que se pudessem associar a concepções espaciais e não a formas miméticas desses mesmos espaços, ou seja, poder que permitissem inferir o carácter do objeto para o qual o sinal nos reporta.

Assim, para as *paredes espessas*, adaptou-se um sinal da zona 1 – *complexo agrícola* –, um quadrado desenhado com uma linha espessa que representa uma ideia de *massa construtiva* e sobre o qual se inseriu uma pequena abertura, essencial para expressar a entrada de luz. Como a espessura da parede se relaciona também com o tipo de material empregue, houve a necessidade de

variar este sinal através de apontamentos de cor, *cinza* para representar a pedra e *ocre* para representar o adobe e a taipa.

Para as *paredes delgadas*, adaptou-se um sinal da zona 6 – *habitação de pescadores [...]* – que traduz o ripado da construção em madeira que está estritamente associado a este tipo de parede, tirando assim partido da sua textura linear.

No que diz respeito ao *espaço-transição*, a escolha recaiu sobre o sinal que tanto na zona 2 como na zona 3 representa o *mercado*, não podendo ser ignorada a forte analogia com o *stoa grego*.

Dado que existem *nuances* quanto à qualificação deste tipo de espaço, quisemos destacar pela sua representatividade e dentro deste parâmetro geral, um sub-tipo específico que corresponde à *varanda envidraçada*, servindo-nos uma vez mais do sinal utilizado pelas equipas 2 e 3 ao definir este atributo espacial na habitação rural.

Neste ponto, pensamos ser justo registar o contributo de Nuno Pinto Cardoso na produção informática das cartas e mapas.

Tarefa 9: Relatórios

Os resultados da investigação à data do seu termo, foram registados em 4 *cadernos* unidos pela designação comum *Dois Parâmetros de Arquitetura Postos em Surdina. Leitura crítica do Inquérito à arquitetura regional*, acrescidos de um volume suplementar, em que se publica um texto de Pedro Vieira de Almeida – *A Noção de Espessura na Linguagem Arquitetónica* – atendendo a que, embora não tenha sido escrito com esse fim, as circunstâncias fizeram com que se tornasse um elemento fundamental para o esclarecimento teórico desse parâmetro.

Efetivamente, desde o início pretendeu-se que estes resultados correspondessem a uma elaboração teórica, envolvendo em simultâneo toda a informação recolhida nos trabalhos de campo, bem como toda a documentação consultada nos espólios existentes.

Esta reflexão teve como quadro de referência próprio (mas também participou na elaboração) de uma aproximação genérica a um esquema interpretativo de uma leitura dos principais movimentos de arquitetura no século XX, o que implicou a abordagem da discussão crítica das noções de Modernismo e Post-Modernismo, de Modernidade e Post-Modernidade, nos termos propostos por Pedro Vieira de Almeida.

Por um lado é nossa convicção que uma discussão do “Inquérito” admitida nestes parâmetros mais vastos, não só pode vir a conferir um maior índice de credibilidade em relação a uma sua interpretação, como virá a integrar-se – e era também esse o nosso objetivo – de uma maneira mais responsável, no âmbito das controvérsias internacionais.

Por outro lado, o facto de uma análise do “Inquérito” poder envolver-se na definição mesma de uma categoria crítica como a de POST-MODERNIDADE, com todas as implicações que essa categoria pode arrastar, vem conferir-lhe uma dignidade cultural específica, de total atualidade.

Gostaríamos por isso que o resultado deste projeto pudesse vir a ser entendido como constituindo sério ainda que modesto contributo para um pensamento arquitetónico autónomo, participativo, responsável e interpelante de algumas posições críticas que nos parecem no menos adequadas, ainda que genericamente assumidas a nível internacional.

Daí também resulta o nosso interesse/presunção em dar público conhecimento dos esforços desenvolvidos nesta investigação, bem como dos resultados a que tenha sido possível chegar, nomeadamente através da edição final dos volumes atrás referidos.

Recorde-se que o trabalho desenvolvido neste projeto implicou duas aproximações ao Inquérito, complementares mas diferenciadas: (1) o inquérito e ao volume *Arquitectura Popular em Portugal*, tomados como objeto de estudo; (2) o inquérito e o livro a que deu origem tomados como universo circunscrito de experimentação e demonstração teórica.

No primeiro caso, partiu-se do tratamento teórico do levantamento da historiografia e da fortuna crítica do Inquérito em geral, para elaborar um texto

base (2010) a partir do qual se procedeu a sucessivos desenvolvimentos parcelares, apresentados em vários encontros nacionais e internacionais.

É esta linha de trabalho que está na origem de um número significativo das publicações e comunicações produzidas, bem como do encontro internacional descrito na tarefa 5. Uma versão condensada desta investigação é registada no *Caderno 4*.

É no segundo caso, mais complexo e por isso com frutos mais tardios, que se insere a produção teórica de Pedro Vieira de Almeida e o trabalho publicado pela equipa em 2013.

Como ficou dito atrás, a perda irremediável de Pedro Vieira de Almeida obrigou-nos a uma reorganização profunda e trouxe-nos alguns problemas, nomeadamente de enquadramento ético, quanto ao modo como havia de dar-se continuidade ao trabalho.

Efetivamente, se o estudo do Inquérito à Arquitetura Regional no seu significado historiográfico e nas implicações históricas, mais ou menos evidentes, não nos traz qualquer problema, já o mesmo não acontece com a utilização e desenvolvimento do trabalho que tem como ponto de partida a construção teórica associada aos dois parâmetros pensados e definidos por Pedro Vieira de Almeida.

Como já foi referido, à data da sua morte, este encontrava-se a terminar a redação da reflexão teórica que constitui uma das pedras-chave deste projeto. Encontrava-se a terminar, mas não terminou, até porque essa reflexão dependia do próprio desenvolvimento do projeto.

Face a esta situação, procuramos por um lado continuar um trabalho cujas bases tinham sido claramente ponderadas e estabelecidas, tentando levá-lo a bom termo e, por outro lado, salvaguardar a autoria do contributo de Pedro Vieira de Almeida.

Foi isso que quisemos fazer com a comunicação *Pedro Vieira de Almeida and the Survey* apresentada na conferência internacional *Surveys on Vernacular Architecture...* e também é isso que pretendemos que seja claro na apresentação dos resultados do projeto.

Pedro Vieira de Almeida é o elemento da equipa que estando ausente está todavia presente em todo o trabalho pois não seria possível concretizar este projeto sem nos socorrermos do seu contributo fundador.

Assim fizemos, utilizando-o com a liberdade que teríamos tido se continuasse vivo, sempre com o cuidado de preservar a identidade do seu pensamento.

Daí a inclusão de vários textos que deixou incompletos, respeitando essa realidade. Daí também a extensão de várias das citações que fazemos do seu trabalho. São o modo que encontrámos de o integrar plenamente.

Daí os quatro volumes – a que chamamos *Cadernos* – em que entendemos dividir a publicação dos resultados do projeto, apresentarem diferentes autorias:

O *Caderno 1* é integralmente de Pedro Vieira de Almeida, e por conseguinte as decisões editoriais foram mínimas.

Também de Pedro Vieira de Almeida é a autoria do *Caderno 2*, que contou já com decisões editoriais póstumas de maior vulto, nomeadamente no que se refere à versão final do texto publicado e à seleção das imagens que o acompanham.

O conjunto destes dois *Cadernos* constituem a **I Parte** das conclusões do Projeto. A decisão de a dividir em dois volumes foi ainda de Vieira de Almeida, que considerava o formato de trabalho das *edições caseiras* do CEAA como o ideal para o efeito.

Coube depois à equipa a redação dos *Cadernos 3* e *4*, correspondendo às II e III Partes do projeto.

Efetivamente, desde o início que se previu a organização das conclusões em três partes, que resultariam do projeto iniciado com a apresentação do trabalho, no que chamamos o *Documento Zero*.

Uma I Parte correspondendo à fundamentação e desenvolvimento teórico do trabalho. Numa 2ª Parte apresenta-se a metodologia utilizada e a documentação gráfica produzida – mapas e cartas – com vista à releitura do Inquérito a partir dos parâmetros escolhidos. Para uma 3ª Parte deixou-se o enquadramento historiográfico.

À publicação dos resultados do projeto, entendeu-se ainda juntar a sua apresentação pública, através de uma exposição que simultaneamente traduzisse os resultados do ponto de vista científico e funcionasse como instrumento pedagógico. Para isso, escolheu-se recorrer ao formato das *exposições caseiras* do Centro de Estudos Arnaldo Araújo, compostas por 16 painéis A0, de baixo custo e fácil transporte, o que permite a itinerância das exposições assim concebidas.

Porém, o facto do fim do projeto ter coincidido com o Verão, levou a que se decidisse adiar a apresentação pública dos resultados, isto é, a inauguração da exposição e a apresentação dos livros, para uma altura em que pudessem ter maior impacto.

Atendendo a que a Ordem dos Arquitetos abriu candidaturas para eventos a realizar durante o mês de Outubro de 2013, integrados no mês da Arquitetura e que foi a Ordem dos Arquitetos (à data Sindicato dos Arquitetos) quem realizou o Inquérito em estudo, considerou-se ser adequado apresentar uma candidatura para integrar a exposição e a apresentação das conclusões do projeto nessa iniciativa.

A candidatura foi seleccionada e consequentemente, integrada no *mês da arquitetura* da OA, a exposição *A 'Arquitectura em Portugal'*. *Uma Leitura Crítica* estará patente ao público na galeria da Escola Superior Artística do Porto entre 17 de Outubro e 13 de Novembro, prevendo-se a sua itinerância posterior. No dia da inauguração, 17 de Outubro, decorrerá uma sessão pública de apresentação do projeto, também integrada na mesma iniciativa.

Finalmente interessa também registar a edição e publicação de um volume – *To and Fro: Modernism and Vernacular Architecture* – que reúne alguns contributos nacionais e internacionais importantes para a compreensão da relação entre a arquitetura moderna e as tradições vernaculares locais.

III. RESULTADOS

Apresentação

No que se refere à concretização dos indicadores previstos, houve um ligeiro desvio decorrente da reorganização de 2011, que empurrou para 2012 grande parte da produção, nomeadamente a organização do encontro internacional *Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in the 20th century architectural culture* (Maio 2012) e implicou o adiamento da exposição prevista para o fim do trabalho (conceção e realização: Junho 2013; abertura ao público: marcada para Outubro/Novembro 2013) o que, neste último caso acabou por se revelar positivo por constituir um bom meio de divulgação dos resultados finais.

O número total de comunicações previstas foi cumprido, sendo que o menor número de comunicações em encontros científicos nacionais (3 em vez de 6) foi compensado pelo maior número de comunicações em encontros científicos internacionais (10 em vez de 7). Esta situação decorre do facto de, neste momento, quase só existirem encontros internacionais em Portugal.

Pela mesma razão, só foram publicados 3 dos 4 artigos nacionais previstos, o que foi compensado com o número de artigos internacionais, aqui se incluindo também capítulos de livros e comunicações publicadas em atas (10 em vez de 7), tendo sido ultrapassado em 2 o número de publicações inicialmente previstas.

O mesmo acontece com os livros. Dos 4 inicialmente previstos foram publicados 9. Isto explica-se em grande parte, pelo facto dos resultados do projeto terem acabado por ser publicados em 4 + 1 volumes e das atas da conferencia internacional terem sido publicadas em 2 volumes (book of abstracts + conference proceedings).

Dos 2 relatórios previstos, apenas foi realizado 1 – este relatório final detalhado – tendo as circunstâncias já expostas acabado por tornar extemporânea a realização de um relatório a meio do projeto, tal como inicialmente se pensara fazer.

Importa registar que, embora o projeto não integrasse uma vertente associada à formação pós-graduada, houve a preocupação de associar estudantes de mestrado e doutoramento nalguns aspetos da sua execução, concretamente 4 doutorandos e 5 mestrandos, que participaram ativamente e com responsabilidades atribuídas, na organização do encontro científico internacional, na produção da exposição e na gestão da concretização gráfica dos livros editados.

Para além disso, este projeto foi determinante na definição do programa da unidade curricular de *Estudos Portugueses* (área científica de teoria e crítica de arquitetura, 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura da Escola Superior Artística do Porto, ano letivo 2012/13). Nesta UC foram amplamente debatidos tanto o Inquérito como os problemas teóricos que a ele podem ser associados e explorada a relação entre arquitetura e património vernacular.

O conhecimento adquirido neste projeto, foi ainda determinante para a preparação de uma nova candidatura a projeto exploratório, *Modernismos do Sul* dirigido por dos membros da equipa.

Por último, encontra-se em preparação o tratamento da documentação produzida para ser disponibilizada *on line* a partir da área do projeto na página do CEAA.

Comunicações

2013 | Alexandra Cardoso, Maria Helena Maia e Joana Cunha Leal

Arquitectura Popular em Portugal. Valores expressivos: o espaço-transição

Colóquio Internacional *Arquitectura Popular*. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 3-6 Abril 2013

2012 | Maria Helena Maia e Alexandra Cardoso

O Inquérito à Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal

IV Congresso de História da Arte Portuguesa – APHA Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 21-24 Novembro 2012

2012 | Joana Cunha Leal

O Plain, Pombaline and (Post)modernism: on some pre and post-Kublerian narratives on Portuguese architecture

Symposium *Systems of History: Georges Kubler's Portuguese Plain Architecture*, CES – Centro de Estudos Sociais, Coimbra, 7 Sep 2012

2012 | Joana Cunha Leal, Maria Helena Maia e Alexandra Cardoso

Pedro Vieira de Almeida and the Survey

Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in 20th century architectural culture, Porto: ESAP, 17-19 Maio 2012

2012 | Maria Helena Maia, Alexandra Cardoso e Joana Cunha Leal

Our Project: The “Popular Architecture in Portugal”. A Critical Look. Intercalar results of a research Project /

Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in 20th century architectural culture, Porto: ESAP, 17-19 Maio 2012

2012 | Alexandra Cardoso e Maria Helena Maia

Architecture and Discovery of Rural Portugal

Theoretical Currents II: Architecture and its Geographical Horizons, Lincoln, UK, 5-6 Abril 2012

2012 | Maria Helena Maia e Alexandra Cardoso

Popular Portuguese Architecture: Appropriations /

ISVS-6 Sixth ISVS Conference: *Contemporary Vernaculars: Places, Processes and Manifestations*, Famagusta, North Cyprus, 19-21 Abril 2012

2011 | Alexandra Cardoso e Maria Helena Maia

Arquitetura e Poder. Para uma historiografia do Movimento Moderno em Portugal

Encontros do CEAA/7: *Apropriações do Movimento Moderno*. Zamora, Fundação Rei Afonso Henriques, Junho 2011.

2010 | Maria Helena Maia

From the Portuguese House to the Survey on Popular Architecture in Portugal: notes on the construction of Portuguese architectural identity

Theoretical Currents – Architecture, Design & the Nation, Nottingham, England, September 2010.

2010 | Alexandra Cardoso e Maria Helena Maia

Tradition and Modernity. The Historiography of the Survey to the Popular Architecture in Portugal /

Encontros do CEAA/5: *Approaches to Modernity*. Budapest: BUTE, 8 Outubro 2010.

2010 | Pedro Vieira de Almeida

Post-Modernity as a Cultural Weapon

Encontros do CEAA/5: *Approaches to Modernity*. Budapest: BUTE, 8 Outubro 2010.

2010 | Alexandra Cardoso

O Inquérito à Arquitectura Regional

A Arquitectura Tradicional Como Património. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 17 Dezembro 2010.

2010 | Maria Helena Maia

A Descoberta da Arquitectura Popular

A Arquitectura Tradicional Como Património. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 17 Dezembro 2010.

Publicações

Livros

2013 | Pedro Vieira de Almeida

A Noção de Espessura na Linguagem Arquitectónica

Porto: CEAA, 2013 (28 pág.)

2013 | Joana Cunha Leal, Maria Helena Maia e Alexandra Cardoso (ed.)

To and Fro: Modernism and Vernacular Architecture

Porto: CEAA, 2013 (250 pág.)

2013 | Maria Helena Maia, Alexandra Cardoso e Joana Cunha Leal

Dois Parâmetros de Arquitectura Postos em Surdina. Leitura crítica do Inquérito à arquitectura regional. Caderno 4.

Porto: CEAA, Edições Caseiras/18, 2013 (68 pág.)

2013 | Maria Helena Maia, Alexandra Cardoso e Joana Cunha Leal

Dois Parâmetros de Arquitectura Postos em Surdina. Leitura crítica do Inquérito à arquitectura regional. Caderno 3.

Porto: CEAA, Edições Caseiras/18, 2013 (76 pág.)

2013 | Pedro Vieira de Almeida

Dois Parâmetros de Arquitectura Postos em Surdina. Leitura crítica do Inquérito à arquitectura regional. Caderno 2.

Porto: CEAA, Edições Caseiras/17, 2013 (68 pág.)

2012 | Pedro Vieira de Almeida

Dois Parâmetros de Arquitectura Postos em Surdina. Leitura crítica do Inquérito à arquitectura regional. Caderno 1.

Porto: CEAA, Edições Caseiras/16, 2012 (80 pág.)

2012 | Alexandra Cardoso, Joana Cunha Leal and Maria Helena Maia (ed)

Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in 20th century architectural culture: Conference Proceedings.

Porto: CEAA, 2012 (554 pág.)

2012 | Alexandra Cardoso, Joana Cunha Leal and Maria Helena Maia (ed.)

Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in 20th century architectural culture. Book of abstracts.

Porto: CEAA, 2012 (68 pág.)

2010 | Pedro Vieira de Almeida

Dois Parâmetros de Arquitectura Postos em Surdina. O propósito de uma investigação.

Porto: CEAA, Edições Caseiras/14, 2010, (28 pág.)

Capítulos de livros, artigos e textos publicados em atas

2013 | Alexandra Cardoso, Maria Helena Maia e Joana Cunha Leal

Arquitectura Popular em Portugal. Valores expressivos: o espaço-transição

Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, 3-6 Abril 2013

2013 | Joana Cunha Leal, Maria Helena Maia and Alexandra Cardoso

Architectural theory and the vernacular in Pedro Vieira de Almeida's writing

in To and Fro: Modernism and Vernacular Architecture. Porto: CEAA, 2013, p.109-121

2012 | Pedro Vieira de Almeida

Posicionamento Teórico Genérico

Revista de História da Arte, nº 10, *Práticas da teoria/practices of theory*. Instituto de História da Arte da FCSH-UNL, 2012, p. 26-44

2012 | Maria Helena Maia e Alexandra Cardoso

O Inquérito à Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal

in *Actas IV Congresso de História da Arte Portuguesa – APHA*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 21-24 Novembro 2012, p. 379-387

2012 | Maria Helena Maia

From the Portuguese House to the ‘Popular Architecture in Portugal’: notes on the construction of Portuguese architectural identity

National Identities, special issue: Architecture and the Construction of National Identity, vol. 14, Issue 3, 2012, p. 243-256. DOI:10.1080/14608944.2012.702746

2012 | Maria Helena Maia, Alexandra Cardoso and Joana Cunha Leal

Our Project: The ‘Popular Architecture in Portugal’. A Critical Look. Intercalar results of a research Project

in *Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in 20th century architectural culture*. Conference Proceedings. Porto: CEAA, May 2012, p. 15-24

2012 | Joana Cunha Leal, Maria Helena Maia and Alexandra Cardoso

Pedro Vieira de Almeida and the Survey

in *Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in 20th century architectural culture*. Conference Proceedings. Porto: CEAA, Maio 2012, p. 25-35

2012 | Maria Helena Maia and Alexandra Cardoso

Portuguese Popular Architecture: Appropriations

in *Proc. of ISVS-6, 6th International Seminar on Vernacular Settlements, Contemporary Vernaculars: Places, Processes and Manifestations*, April 19-21, 2012, Famagusta, North Cyprus, 2012, p. 312-22

2012 | Pedro Vieira de Almeida

A Criação Teórica

J.A. Jornal Arquitectos, 244, Lisboa, Ordem dos Arquitectos, Jan/Fev/Mar 2012, p.111-115.

2012 | Alexandra Cardoso and Maria Helena Maia

Arquitectura e Poder. Para uma Historiografia do Movimento Moderno em Portugal

in Apropriações do Movimento Moderno/ Apropriaciones del Movimiento Moderno. Livro de Actas (Encontros do CEAA/7, Zamora, Fundação Rei Afonso Henriques, 23-25 Junho 2011)
Porto: CEAA, 2012, p. 113-122

2012 | Alexandra Cardoso e Maria Helena Maia

Architecture and Discovery of Rural Portugal

Theoretical Currents II: Architecture and its Geographical Horizons, Lincoln, UK, 5-6 Abril 2012. Texto distribuído mas não publicado.

2011 | Alexandra Cardoso e Maria Helena Maia

“Tradition and Modernity. The Historiography of the Survey on Regional Architecture”

Accepted [2011] in *Approaches to Modernity*. Porto, CEAA, 2013

2011 | Pedro Vieira de Almeida

Post-Modernity as a Cultural Weapon

Aceite [2011] in *Approaches to Modernity*. Porto, CEAA, 2013

2010 | Maria Helena Maia

From the Portuguese House to the Survey on Popular Architecture in Portugal: notes on the construction of Portuguese architectural identity

in Theoretical Currents: Architecture, Design and the Nation. International Conference Proceedings. Nottingham Trent University, 2010, p. 136-44.

Organização de encontros científicos

Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in 20th century architectural culture. Porto: ESAP, 17, 18 e 19 Maio 2012

A “*Arquitectura Popular em Portugal*”. Uma Leitura Crítica. Apresentação dos resultados de um projeto de investigação. Porto: ESAP, 17 Outubro 2013

Exposições

A “*Arquitectura Popular em Portugal*”. Uma Leitura Crítica. Porto: ESAP, 17 de Outubro a 7 de Novembro de 2013

IV. EQUIPA

Equipa

Alexandra Cardoso

Joana Cunha Leal

Maria Helena Maia

Pedro Vieira de Almeida (1933-2011)

Consultores

Josefina Gonzalez Cubero

Mariann Simon

Miguel Angel de la Iglesia

Revisores

Em diferentes momentos e a diversos níveis realizaram trabalho de revisão [*peer review*] no que respeita os livros editados no âmbito deste projeto:

Alexandra Ai Quintas

Alexandra Trevisan

Antoni Remesar

Marco Ginoulhiac

Margarida Brito Alves

Miguel Silva Graça

Miguel Pais Vieira

Paolo Marcolin

Rui Jorge Garcia Ramos

V. AGRADECIMENTOS

Família Arnaldo Araújo

Família Octávio Lixa Filgueiras

Família Pedro Vieira de Almeida

Alexandra Trevisan

António Menéres

Carlos Carvalho Dias

Helena Cabral

Joana Couto

Jorge Cunha Pimentel

Miguel Filgueiras

Nuno Pinto Cardoso

Nuno Portas

Rui Jorge Garcia Ramos